

*Os homens atravessam o abismo do espaço e  
do tempo, e atingem o Mundo dos Duzentos  
Sóis...*



# PERRY RHODAN

**P148**

## Salto no Intercosmo



EDIÇÕES  
DE OURO



CATEGORIA  
ESTRELA  
5898



**(P-148)**

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir  
a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [convertEPub](#)

# **SALTO NO INTERCOSMO**

***Autor***

# **KURT BRAND**

*Tradução*

# **RICHARD PAUL NETO**

*Digitalização e Revisão*

# ARLINDO\_SAN

## 1

O plasma está morrendo por falta de oxigênio

Um comando terrano tenta salvá-lo!

*Estamos no ano 2.114 do calendário terrano...*

*As lutas arrasadoras que de repente irromperam entre os pos-bis preocupam todos os dirigentes da aliança galáctica. Afinal, os pos-bis representam uma barreira poderosa contra os laurins. Por isso Perry Rhodan resolve jogar tudo numa única cartada. Mobiliza todos os recursos disponíveis, e uma frota aguarda a ordem de entrar em ação! Uma das ações mais arrojadas da história da Astronáutica ia ter início...*

**Personagens Principais:**

**Atlan** — *O imperador, que é de opinião que os arcônidas barraram seu próprio caminho para o futuro.*



**Van Moders** — *O jovem robólogo que assusta pelas suas idéias.*

**Luigi Telarine** — *Técnico de rádio da Gauss.*

**John Marshall** — *Chefe do Exército de Mutantes.*

**Brazo Alkher** — *Cujos jatos espaciais travam uma luta desesperada contra um grupo de robôs hostis à vida biológica.*

**Willy** — *Um ser que faz prova de sua hospitalidade.*

2

1

A firma Ferguson & Ferguson, fundada em 2.064, festejava seu quinquagésimo

aniversário no dia 12 de julho de 2.114. Ferguson II se retirara da firma há mais de trinta

anos. E hoje sentia muito que, na oportunidade, tivesse pedido por sua livre iniciativa que

acertassem as contas com ele.

Há algumas semanas, Ferguson Sênior II andava todo envenenado, pois de uma hora

para outra a Ferguson & Ferguson se transformara numa firma importante.

Há vinte dias, aproximadamente, quatro homens da Administração Solar haviam

entrado em contato com a direção da empresa. Esta era exercida por Ferguson Sênior I e

seus dois filhos, os Ferguson Júnior. Os cavalheiros de Terrânia estavam interessados em

saber quantos condensadores ultra condutores a pequena usina poderia fabricar por dia.

— Talvez sejam dez mil? — perguntou o economista franzino que usava óculos.

— O senhor quer dizer dez mil por mês, não é mesmo? — perguntou Ferguson

Júnior, cautelosamente.

— Não, por dia. Preferiria que fosse por hora.

Com essa palestra tivera início o desenvolvimento acelerado da Ferguson &

Ferguson, pouco antes de seu jubileu.

Os condensadores UC, que só eram condensadores de nome, pois na realidade não

tinham a menor semelhança com os transistores, seriam componentes dos óculos antiflex.

E, como a pequena empresa fosse detentora da respectiva patente, a Administração Solar

não teve outra alternativa senão entrar em contato com a mesma.

Um dos Ferguson Júnior logo reconheceu sua chance.

— Qual é o montante do crédito de que dispomos para aumentar a produção para

dez mil peças por hora?

Para o Ferguson Sênior, a palavra crédito nunca soara bem. Por isso interveio na

palestra:

— Não se cogita de créditos. Qual é a quantidade de condensadores UC de que

estão precisando?

— A primeira série será de dez milhões de peças.

Ferguson Sênior I engoliu em seco.

— Queremos o pagamento adiantado de um milhão de condensadores.

Os quatro homens de Terrânia, que eram técnicos e comerciantes, soltaram uma

estrondosa gargalhada.

— Não tem cabimento falar em pagamento adiantado antes de termos discutido o

preço do lote.

Ferguson Sênior não pensava assim.

— Estão de acordo em fazer um pagamento adiantado? Em princípio, quero dizer...

— Naturalmente, mister Ferguson.

— Pois concedam-nos vinte e quatro horas para fazermos nossos cálculos. Amanhã,

a esta hora, conversaremos sobre o preço.

Conversaram sobre o pagamento. Os quatro cavalheiros de Terrânia procuraram

forçar uma redução no preço. Os Ferguson Júnior estariam dispostos a ceder, mas o pai

lhes proibira terminantemente de intervir na discussão, com uma única palavra que fosse.

3

Ferguson Sênior I dispensou um tratamento frio aos cavalheiros de Terrânia.

— Pois procurem alguém que esteja em condições de lhes fornecer os

condensadores a um preço mais baixo. Acabamos de apresentar-lhes nossos cálculos.

Mostramos quanto teremos de investir para alcançar a produção elevada de um milhão de

peças. Informamo-nos sobre o lucro que auferiremos no contrato. E afinal nossa patente

também vale alguma coisa, pois, do contrário, poderíamos acabar com as patentes de

invenção.

Os economistas de Terrânia solicitaram um prazo de reflexão de vinte e quatro

horas. Findo esse tempo, assinaram o contrato. No mesmo dia, uma quantia elevadíssima

foi depositada na conta bancária de Ferguson & Ferguson.

E hoje a empresa estava celebrando seu quinquagésimo aniversário. A produção de

condensadores UC chegava a dezesseis mil peças por hora.

Ferguson Sênior II fora convidado para participar dos festejos. O cavalheiro idoso

não dissimulou seu mau humor. Mas ninguém lhe deu atenção. Já em jovem, Ferguson II

fora uma pessoa desagradável, e o comportamento que estava adotando começou a causar

aborrecimento.

Os Ferguson Júnior conversaram às escondidas. O pai estava de acordo com seu

plano. Sentaram-se perto de Ferguson II.

O Júnior chamado Fred chamou um dos lógicos que naquele momento passava.

— Já ouviu falar, Abeis? A administração deu ordem para produzirmos mais três

lotes, no total de cinquenta milhões de peças.

Abeis não desconfiou de nada. Acreditou piamente no que acabara de ouvir.

Empalideceu.

— Quando deveremos iniciar os fornecimentos?

— Amanhã.

Nesse momento Ferguson II interveio na palestra. Era primo de Ferguson Sênior I. A

inveja pura vibrava em sua voz.

— Será que entendi bem? Cinqüenta milhões de peças?

— Talvez sejam mais, mister Ferguson — disse o Júnior Alf, com o rosto mais sério

deste mundo. — Pelo que se diz em Terrânia, é provável que todas as bases arcônidas

também recebam óculos antiflex. Podemos contar com mais um pedido bastante vultoso.

— Vocês não estão em condições de fornecer essa quantidade — disse Ferguson II,

com uma risada de deboche. — Terão que subdividir o contrato, e com isso perderão o

grande negócio. De qualquer maneira, não estou gostando de sua fanfarrice. Continuem a

festa sem mim. Quero que a empresa de vocês vá para o inferno.

Os Júnior sentiram muito prazer quando o viram abandonar a festa. Alf aproximou-

se do pai, esfregando as mãos, satisfeito:

— Acabamos de convencer seu querido primo a retirar-se. Tomara que não se

devore a si mesmo de tanta inveja. Acho... Ora esta! O que houve?

Alguém que se encontrava junto à porta lhe fazia sinais. O engenheiro De Boeer

estava lá. Tinha o rosto muito pálido. Alf correu para perto dele.

— Está se sentindo mal, De Boeer?

— Mister Ferguson, acabamos de receber um chamado de Árcon III. Fui eu que

atendi. Árcon III encomendou sessenta milhões de condensadores UC. Quer que sejam

fornecidos à razão de vinte e cinco mil peças por hora. A primeira nave chegará dentro de

quatro dias.

Alf Ferguson empalideceu.

4

— Meu Deus! — balbuciou. — Sou um idiota, pois até parece que desafiei o

destino. Por que não calei a boca? E agora?

De Boer não entendeu as observações formuladas por Alf Ferguson. Viu o Júnior

correr para junto do pai e cochichar alguma coisa no seu ouvido. O Sênior parecia

radiante. Deu uma palmadinha no ombro do filho, para tranqüilizá-lo.

— Não perca a cabeça, meu filho. Quem fixa o prazo de fornecimento somos nós, e

não Árcon III. A usina não será ampliada e nem terá mais de um cérebro de controle.

Depois de amanhã nossa produção chegará a vinte mil peças por hora, e Terrânia e Árcon

terão de reparti-la. Não há motivo para ficarmos nervosos.

— Daqui a quatro dias chegará uma espaçonave vinda de Árcon III para carregar

dois milhões e quatrocentos mil condensadores, pai!

— Você tem conhecimento de algum contrato de fornecimento que tenhamos

celebrado com Árcon III, Alf? Pois eu não tenho. Saúde, meu filho. Vamos brindar à

nossa empresa.

— Saúde, pai! Pela empresa!

Outro chamado perturbou a aconchegante reunião. De Boer cochichou para o chefe



Sênior:

— Mister Ferguson, o representante do administrador quer falar-lhe com urgência.

— Mister Reginald Bell? — perguntou Ferguson com ligeira desconfiança. Não

conseguia imaginar o que um homem tão importante poderia querer dele, que afinal não

passava de um pequeno industrial.

— Isso mesmo. Mister Bell está no videofone. Diz que é muito urgente.

— Nesse caso acho que terei de atender — disse o Sênior, com a maior

tranqüilidade. — Não precipite nada, meu filho. Mister Bell quer alguma coisa de nós.

Não somos nós que desejamos qualquer coisa dele. É uma pequena diferença, mas muito

importante. Até logo mais.

Levantou-se calmamente e retirou-se. O videofone estava em seu escritório.

— Mister Bell? Meu nome é Ferguson.

Acenou levemente com a cabeça. Não havia nada em suas atitudes que revelasse a

tensão de que se sentia possuído. Não sabia explicar por que o segundo homem mais

importante do Império Solar desejava falar com ele. Não podia ser por causa dos

condensadores UC. Estes não eram tão importantes.

Mas logo teve de reconhecer que as coisas não eram como ele pensava. Bell falou

exclusivamente dos condensadores UC, e também aludiu à encomenda de Árcon.

— Será que o senhor já se esqueceu da selvageria com que os laurins agiram na

Terra, mister Ferguson? Seria uma irresponsabilidade fabricar estas “*maquinazinhas*”

apenas em sua “*fabriqueta*”. Conceda licença de fabricação a Árcon III. Se por lá

iniciarem a produção em grande escala dentro de alguns dias, o senhor poderá fechar sua

“*quitanda*”...

Ferguson ficou triste ao ouvir o segundo homem mais poderoso do império falar em

maquinazinhas e designar seu estabelecimento como quitanda.

— Mister Bell, a licença não será barata — disse Ferguson.

No mesmo instante teve a impressão de que a cabeça de Reginald Bell estava saindo

da tela! O representante do administrador berrou:

— Ganhar dinheiro! Juntar dinheiro! Sempre é o maldito dinheiro. Quando os

laurins estavam na Terra, vocês só imploravam por suas vidas. Preste atenção, mister

Ferguson: o senhor terá um bom lucro na primeira encomenda, e não vejo nada demais

5

nisso. Mas querer transformar um perigo geral num enorme negócio para uns poucos não

passa de uma indecência. Envie, ainda hoje, os planos de construção para Árcon III, que

lhe pagará uma retribuição de um solar. Sim, é isso mesmo. Um solar! Combinado?

Ferguson admirou-se com a rapidez de sua resposta:

— Combinado, mister Bell.

Na manhã do dia seguinte, ficou ainda mais admirado. Em vez de receber um solar,

remetido de Árcon III, o saldo bancário da empresa dera um salto de um milhão.

— É a primeira vez que não consigo sentir-me feliz por ter recebido dinheiro —

disse, dirigindo-se aos dois filhos.

Na tarde do dia 13 de julho de 2.114, criou-se a Fundação Ferguson. O patrimônio

de um milhão se destinaria a prestar ajuda às crianças que tinham perdido os pais, quando

da invasão dos laurins.

Ferguson Sênior I nem desconfiou que com isso criara um monumento à sua própria

pessoa. Na noite do mesmo dia, ouviu o noticiário e ficou sabendo que na conta da

Fundação Ferguson já fora depositada mais de dez vezes a quantia original. E, na manhã

do dia seguinte, a administração do império contribuiu com uma importância enorme.

E um homem ficou muito contente: Reginald Bell.

\* \* \*

Milhares de homens em Árcon III reclamavam. As máquinas não agüentavam mais.

Trabalhavam até entrar em pane. Milhares de homens não mudavam mais de roupa nem

tiravam os sapatos. Uma necessidade inexorável mantinha-os despertos junto ao trabalho.

Três mil espaçonaves estavam espalhadas por Árcon III. O planeta já vira um

número muito maior de naves em sua superfície, mas essas três mil tinham algo de

extraordinário.

Milhares de terranos trabalhavam para equipá-las completamente, em conformidade

com os planos técnicos. E o dia em que todos os preparativos deveriam estar concluídos

se aproximava.

Os três mil comandantes reunidos no grande salão sabiam o que os esperava. As

cifras projetadas na parede em caracteres de vários metros de altura lhes pareciam

imensas. Perry Rhodan fez seu comentário:

— Não conhecemos o destino. Só sabemos que fica nas profundezas do espaço

intergaláctico, na direção de Andrômeda. Para chegar lá teremos de realizar vôos muito

extensos pelo semi-espaço. Por isso teremos de contar com a ocorrência de manifestações

de fadiga do material. Temos de contar com a possibilidade de que certas peças que nunca

falharam entrem em pane. É possível que as sobressalentes que levaremos sejam

justamente aquelas de que não precisaremos durante a viagem. Desde já contamos com a

perda de cinqüenta por cento da frota, mas nem por isso os tripulantes das respectivas

naves estarão perdidos. O plano a ser executado prevê que as naves que não puderem ser reparadas serão deixadas para trás; os tripulantes serão transferidos para outras naves que prosseguirão viagem juntamente com o grupo principal, isso em direção ao destino ou... de volta para nossa Via Láctea.

“Evidentemente as três mil naves pertencem à mesma série. Foram equipadas com kalups correspondentes a naves situadas duas classes acima. A padronização das peças principais das naves permite carregar um estoque bem maior de peças sobressalentes do que as que poderíamos levar se usássemos naves de tipos diferentes.

6

“De qualquer maneira, convém que os senhores se acostumem à idéia de que, ao regressarmos, teremos perdido metade da frota. Nos próximos dias lhes serão fornecidas outras instruções, por escrito. Obrigado.”

Rhodan fez uma mesura para os comandantes e abandonou a tribuna. Saiu da sala juntamente com Atlan, usando a saída dos fundos. Atravessaram um corredor em forma

de túnel e deixaram que o elevador antigravitacional os levasse aos pavimentos inferiores,

onde ficavam os alojamentos destinados a dez mil terranos.

O arcônida fitou Rhodan com uma expressão pensativa. Depois de algum tempo

perguntou:

— Perry, será que você não está confiando demais nesse jovem robólogo?

— Está se referindo a Moders? — perguntou Rhodan.

— Isso mesmo.

— Era nele que eu estava pensando quando você me dirigiu a palavra. Por que não

iria confiar nele? Quando tinha a idade dele sentia-me orgulhoso toda vez que alguém

confiava em mim. E fazia tudo para provar que merecia essa confiança. Com Moders é a

mesma coisa. Já o observei muitas vezes. É um gênio na sua especialidade. É inigualável.

E estabelece contato com uma rapidez espantosa com outras áreas de conhecimento, que

nada têm a ver com sua especialidade. O fato de ser capaz de enganar-se, e de fato já se

ter enganado, apenas demonstra que é humano. Afinal, quem de nós ainda não se

enganou, almirante?

Atlan sorriu.

— Ora veja! Perry Rhodan entusiasmado. Isso é uma raridade. Quer dizer que você

tem certeza de que as hipóteses de Moders sobre a oscilação da intensidade do engaste

são corretas?

— Tenho, sim.

Chegaram ao fim do elevador antigravitacional. Dirigiram-se para a esquerda,

seguindo por uma rua subterrânea sem curvas, que poderia perfeitamente ficar na

superfície de um planeta arcônida.

— Foi Moders que lhe aconselhou suspender as buscas do ser de plasma? Ou será

que você tomou essa decisão por iniciativa própria?

Desta vez Rhodan também sorriu.

— Por que você tem medo do robólogo, Atlan?

O arcônida parou abruptamente.

— Só agora que você diz é que me dou conta disso. Você tem razão, meu caro.

Tenho medo dele.



— Por quê?

— Ora, por quê!... Deixe-me refletir um pouco —  
prosseguiram na caminhada. —

Acho que tenho medo de qualquer homem que consegue  
orientar-se tão rapidamente com

as operações intelectuais das máquinas. E a capacidade  
de Moders até vai um pouco mais

longe. Consegue ter uma visão dos processos resultantes  
da união do dispositivo

positrônico com a substância biológica. Descobriu o  
engaste hipertóxico e os circuitos

hiperimpotrónicos, que, além das outras atividades,  
exercem funções cerebrais. E isso me

deixa ainda mais assustado pelo fato de Moders ser um  
terrano.

Rhodan compreendeu o arcônida. Atlan passara os  
últimos dez mil anos na Terra,

onde tinha naufragado. Assistira ao nascimento e ao  
desaparecimento das civilizações.

Observara como, de um século para outro, os homens  
havam penetrado nos reinos da

técnica. Era graças aos arcônidas que os terranos podiam  
dedicar-se à Astronáutica.

Segundo as concepções atuais, o foguete em que viajara Rhodan, o primeiro homem a pôr

os pés na Lua, não passava de uma lata que punha em perigo a vida de qualquer pessoa

que nela entrasse.

Também fora por intermédio de Árcon que os terranos haviam travado

conhecimento com os cérebros positrônicos. Por muito tempo o funcionamento dos

mesmos representara um mistério para eles. Certo dia apareceram os robôs positrônico-

biológicos. Representavam uma novidade absoluta, uma coisa totalmente desconhecida.

Eram o produto de uma tecnologia estranha, que não tinha o menor ponto de contato com

a da Via Láctea. E de repente surgira um robólogo muito jovem, que mal havia concluído

seus estudos. Viu um pos-bi, viu o engaste existente no mesmo, e também viu a

hiperimpotrônica.

E compreendeu ambas as fases dos pos-bis.

Na opinião de Atlan não deveria ter compreendido, pois era um terrano e, como

todos os terranos, tinha pouca experiência da tecnologia dos pos-bis.

— Não me admiro nem um pouco de que Moders entenda tanto disso — disse

Rhodan.

O arcônida repetiu a mesma coisa que já dissera tantas vezes:

— Um dia vocês terranos ainda serão donos do Universo.

\* \* \*

A estação de rastreamento Globus 18 ficava na periferia da Via Láctea, a trezentos

anos-luz de um pequeno sol amarelo, que não possuía nenhum planeta.

Na estação, seis homens. Uma dezena de robôs especializados trabalhava

ininterruptamente, com exceção de quatro homens-máquina que ficavam de reserva.

Da mesma forma que as estações de números 14, 15, 16 e 17, a Globus 18 estava

equipada com aparelhos especiais. Os antiquíssimos arquivos arcônidas haviam ajudado

os especialistas terranos a criar um aparelho de medição extremamente preciso, que

permitia determinar a energia com que fora transmitida uma onda de hiper-rádio que

penetrasse na antena com a exatidão correspondente a dezoito casas decimais.

Partira-se das seguintes reflexões: uma onda de hiper-rádio que percorre centenas de

anos-luz perde certa quantidade de energia. Existe uma relação constante entre o volume

da energia perdida e a extensão do trecho percorrido. Portanto, tornava-se possível medir,

com base no volume de energia com que a hipertransmissão era recebida, a distância que

fora percorrida pela mesma, desde que se conhecesse a potência da transmissão.

Por isso fora construído o instrumento ultra preciso.

Não se dispunha dos valores básicos, que permitissem a regulação do aparelho.

Apesar disso o mesmo estava sendo utilizado em cinco estações de rastreamento do tipo

Globus. Partindo da incógnita X, que representava a potência da transmissão, esperava-se

obter, por meio de triangulações sobrepostas, a distância aproximada do Mundo dos

Duzentos Sóis, situado no intercosmo.

A administração não deixava de tomar qualquer providência que pudesse concorrer

para mantê-la informada da melhor maneira possível. Mas o transmissor de hiper-rádio

do Mundo dos Duzentos Sóis permanecia em silêncio. No espaço sem estrelas, situado

entre as duas galáxias, reinava o silêncio, interrompido apenas por algumas mensagens

simbólicas mutiladas, que provavelmente haviam sido irradiadas por naves fragmentárias.

O serviço em Globus 18 tornava-se cada vez mais monótono.

8

Marlengo bocejava diante do painel de instrumentos. Estava fazendo um exame de

rotina dos indicadores. Virou-se e pretendia dizer algo a Osgord, quando teve a impressão

de ter notado uma coisa diferente no painel.

Voltou a examiná-lo, mas não notou nada de extraordinário.

— Acho que estou vendo fantasmas de dia — disse, contrariado.

— Está de mau humor? — perguntou Osgord, um irlandês de ombros largos.

— Ora...

Marlengo não estava com vontade de responder. Contornou um robô e deixou-se

cair na poltrona de observação. Cruzou os braços atrás da cabeça e bocejou

gostosamente.

— Daqui a dezessete dias seremos revezados — disse Osgord.

— Não temos mais um pingo de bebida! — resmungou Marlengo, aborrecido.

A estação de rastreamento de rádio mais próxima enviou o sinal goniométrico

característico, que devia ser transmitido de trinta em trinta minutos: Ti-ti-ti. E foi só.

Dentro de cinco minutos, a Globus 18 responderia ao sinal.

Lafagott entrou. Era um francês do Sul, magro e musculoso. Estava assobiando uma

melodia popular. Será que não deixaria nunca de assobiar? Há muito tempo Osgord e

Marlengo irritavam-se com isso.

Mas desta vez não!

Marlengo e Osgord caíram sobre o companheiro, para tirar a garrafa de conhaque

que tinha na mão.

— Onde arranjou isso, Lafagott? — gritou Marlengo, entusiasmado.

— É um Napoleão! — gritou Osgord, também esfuziante.  
— Tem pelo menos cem

anos.

Lafagott parou de assobiar. Recuou passo a passo, até chegar à escotilha.

— Só lhes dou a garrafa se vocês me deixarem assobiar sempre que tiver vontade.

— Seu chantagista! — gritou Osgord.

— Deixe-me experimentar se isso realmente é conhaque, Lafagott!

Lafagott escondeu a garrafa.

— Estou formulando um ultimato. Não pretendo negociar. Quero...

O rastreador estrutural reagiu com a intensidade máxima. O alarma automático

entrou em ação. Embaixo dos pés dos três homens, as unidades energéticas uivaram. O

campo energético da Globus 18 foi ativado ao máximo de sua potência. Os três homens

que estavam dormindo em suas cabinas entraram correndo um após o outro.

Que ruído era este?

— Uma nave fragmentária! — gritou Lafagott.

A estação Globus 18 tinha pouco armamento. E seus propulsores eram fracos.

As estações do tipo Globus haviam sido concebidas como postos de controle

estacionários a serem colocados na periferia da Galáxia. O único elemento superforte era

o campo defensivo energético, comparável ao de um cruzador pesado.

Os robôs não demonstraram o menor nervosismo. Continuavam a executar suas

tarefas com a mesma calma, segurança e rapidez de sempre. Um deles transmitiu o

pedido de socorro pelo hipercomunicador. Outro forneceu o relato da situação. Três deles

estavam sentados junto aos comandos dos desintegradores, e um quarto junto ao canhão

de raios narcotizantes.

Osgord e Marlengo examinaram um diagrama, a fim de verificar a velocidade de

aproximação da nave fragmentária.

9

— Se eles abrirem fogo com os canhões conversores, estaremos perdidos — disse

Osgord.

A suposição de que, num raio de algumas centenas de milhares de quilômetros,



havia mais alguma coisa além da nave dos pos-bis fez com que Marlengo ligasse o

campo defensivo especial.

— Era o que eu imaginava! — exclamou. — São Laurins.

Três naves-pingo dos invisíveis estavam fazendo caça ao veículo espacial dos pos-

bis.

Por que a nave cúbica não disparava?

Por que se mantinha constantemente na mesma rota? Lafagott inclinou-se para

Osgord.

— Está vendo sinal de algum campo relativista? — perguntou.

Os instrumentos de localização, que poderiam esclarecer este ponto, não indicavam

nada.

— Por que temos de estar justamente em sua rota de fuga? — esbravejou Marlengo.

Na tela especial, a imagem das três naves dos invisíveis tornava-se cada vez mais

nítida. Durante a batalha travada em torno de M-13, Marlengo e Osgord haviam

pertencido à tripulação de um cruzador pesado. Conheciam as reações dos robôs. Mas

desta vez os dois homens entreolharam-se, perplexos. Osgord disse o que ambos estavam

pensando:

— Os pos-bis devem ter enlouquecido!

Estavam fazendo exatamente o contrário do que costumavam. Para os robôs, os

laurins eram os grandes inimigos de sua raça. Costumavam precipitar-se sobre os mesmos

com a fúria destrutiva de que só um robô desalmado é capaz. Pouco lhes importava que

sua nave explodisse no ataque. A única coisa que importava era destruir seus inimigos,

mesmo que, com isso, sua própria nave fosse destruída numa nuvem de fogo.

Mas a nave cúbica que estava sendo mostrada na tela não disparou um único tiro

nem enfrentou as naves-pingo. Estava fugindo das mesmas. E, face à rota que estava

seguindo, deveria passar a poucos quilômetros da estação Globus 18.

Os seis homens na sala de comando estavam contando os segundos que os

separavam do momento em que a desgraça mortal deveria desabar sobre eles. Mas, de

repente, o espaço próximo ficou cheio de naves esféricas.

Eram dez, cem, quinhentas, mil naves.

Um grupo gigantesco de naves da Frota Solar acabara de chegar.

— Lafagott, passe a garrafa! E assobie. Você tem motivo para assobiar — berrou

Marlengo, que num instante compreendeu a nova situação.

Mas não saberia dizer de onde haviam vindo as belonaves terranas...

O assobio de Lafagott atingiu-o com a força de um golpe. Marlengo virou-se.

Arregalou os olhos. Não se importou com o fato de que, num lugar perigosamente

próximo de sua estação, três naves-pingo se desfizeram em nuvens incandescentes.

Ao lado de Lafagott os cacos da preciosa garrafa estavam jogados no chão, numa

poça de líquido dourado e aromático.

— Uma desgraça raramente vem só — disse Marlengo, em tom deprimido.

— Veja o que está acontecendo lá fora! — gritou Lafagott, gesticulando com os

braços. — A caixa quadrada dos pos-bis está atirando contra nossas naves.

10

Era incompreensível. Seis homens fitavam a tela panorâmica. A nave dos pos-bis,

cercada por mais de cem veículos espaciais esféricos, atirava para todos os lados. Mas

não tinha a menor chance diante da superioridade de forças.

— Pois é o que acabo de dizer. Os robôs enlouqueceram!  
— disse Osgord.

— Alguém deve ter mexido nos controles dos pos-bis. Até parecem ser os robôs de

Frago, que lutaram uns contra os outros e acabaram por incendiar todo o planeta com sua

indústria — disse Marlengo.

Não tiveram tempo para prosseguir na conversa. O comandante do gigantesco grupo

de espaçonaves chamou. Disse que sua frota fazia parte de um grande destacamento

especial. Estava realizando um pequeno vôo para testar as naves e, quando se encontrava

no semi-espaço observara, pelo rastreador de relevo, o encontro entre o veículo dos pos-

bis e as três unidades dos Laurins, ocorrido nas proximidades da estação Globus 18.

Perguntou se a estação havia sofrido qualquer avaria.

Marlengo voltou a lançar um olhar melancólico para a garrafa de conhaque

quebrada.

*“Se isto não é uma avaria grave, então já não sei de mais nada”*, pensou com o

ânimo triste.

O fato de ter sido dispensado da tarefa de transmitir ao quartel-general um relato

sobre a luta entre os Laurins e os pos-bis não lhe poderia servir de consolo.

\* \* \*

O nome do supergigante era Sosata. A nave fora construída em Árcon II, mas a

tripulação era formada por terranos. O comandante da Sosata era o Coronel Hatlinger, um

homem que parecia ter *“uma vocação para ser astronauta”*, como se diria em outros

tempos. Atlan concordara com todo prazer quando Perry Rhodan lhe sugerira que

Hatlinger comandasse a Sosata.

Naquele momento, a gigantesca nave corria velozmente pelo semi-espaço, em

direção ao planeta Frago, que ficava pelo menos a noventa mil anos-luz dos limites do

espaço extragaláctico.

O kalup rugia. Com uma velocidade em anos-luz cada vez mais elevada, atirava a

nave pelo espaço linear, em direção ao destino. Há meia hora a nave em regime de

prontidão. Ninguém dava atenção ao tráfego de hiper-rádio, cuja intensidade era

extraordinária.

Sabia-se que três mil espaçonaves de tipo especial encontravam-se em posição de

espera no espaço extragaláctico, a cinqüenta mil anos-luz da Via Láctea. Estavam

preparadas para empreender o vôo pelo abismo que separa as duas galáxias.

Os comandantes resumiam suas mensagens o mais que podiam. Mas, assim mesmo,

o tráfego de rádio entre as três mil unidades tornou-se mais que intenso.

A Sosata estava equipada com o aparelho de medição ultra preciso de ondas de

hipercomunicação, do mesmo tipo que fora instalado nas estações de rastreamento

espacial do tipo Globus, numeradas de 14 a 18. Os especialistas não confiavam muito no

tal instrumento. Qualquer aparelho não ajustado causava-lhes certo receio.

O Coronel Hatlinger observou os dois pilotos, que estavam sentados bem à vontade

em suas poltronas e ficavam de olho no painel de instrumentos. Estava sentado na

poltrona de reserva; bastaria mover uma chave para assumir a nave.

Sabia que o avanço até Frago, realizado para fins de reconhecimento, poderia tornar-

se perigoso. Antes da decolagem, o chefe mandara que o Coronel Hatlinger fosse falar

11

com o robólogo Moders. Durante os combates com os pos-bis, travados em torno de M-

13, ouvira falar várias vezes nesse cientista, mas quando se viu diante de um jovem de

menos de vinte e cinco anos, ficou estupefato.

Dali a alguns minutos esqueceu-se de que seu interlocutor era tão jovem e sentiu-se

fascinado diante da exposição do robólogo. Hatlinger obteve explicações sobre conceitos

tais como hipertóctico ou circuito hiperimpotrônico, que até então lhe eram

incompreensíveis.

Uma oscilação na intensidade do engaste hipertóctico!

— Muita coisa poderá depender de seu vôo de reconhecimento para Frago, Coronel

Hatlinger. Não sabemos onde fica o Mundo dos Duzentos Sóis, pertencente ao centro de

plasma. Em compensação, o senhor sabe que contamos com a perda de metade das naves

que participarão da missão. Faça o que estiver ao seu alcance para trazer-nos o maior

volume possível de informações. Dê uma olhada em Frago, se é que por lá ainda existe

alguma coisa para olhar. Qualquer detalhe, por insignificante que possa parecer, poderá

assumir a maior importância.

Constantemente se aludira à oscilação da intensidade do engaste hipertóctico.

— Hatlinger, supõe-se que em certas oportunidades a substância biológica existente

no Mundo dos Duzentos Sóis trava uma luta feroz com o dispositivo hiperimpotrônico.



Se este último puser o plasma fora de ação, voltaremos a ter um computador-regente

igual ao que governava Árcon, quando ainda existia o gigantesco centro de computação

positrônica de Árcon III. Em hipótese alguma podemos permitir que isso aconteça.

Coronel, o senhor poderá prestar uma contribuição valiosa para o êxito do nosso plano,

desde que a sorte o favoreça.

Hatlinger sobressaltou-se em meio às reflexões. O piloto comunicou-lhe que, dentro

de dez minutos, a Sosata voltaria ao Universo einsteiniano.

— A dez minutos-luz de Frago!

Dali a dez minutos o rugido do kalup cessou. A Sosata penetrou no Universo

normal. A ampliação da tela de visão global indicava um desempenho de sessenta por

cento. Na eterna escuridão do vazio intergaláctico havia um astro em cuja superfície

lavrava uma devastadora fogueira atômica.

Fizeram-se as medições das radiações. Os resultados foram transmitidos ao

computador positrônico. Era impossível que em Frago ainda existisse qualquer substância

biológica. Os milhões de robôs desse planeta sem luz, que de repente haviam passado a

lutar uns contra os outros, transformaram seu mundo num inferno atômico.

Hatlinger lembrou-se de certa pergunta que dirigira a Van Moders, quando viu na

tela o astro que agora brilhava num vermelho malévolos. A pergunta fora a seguinte:

*“— É possível que em Frago ainda existam pos-bis? ”*

Moders não hesitou em dar resposta afirmativa:

*“— Mas já não são robôs positrônico-biológicos, coronel. As radiações destruíram*

*o plasma que havia em seu interior. Até o momento em que a decomposição atômica os*

*destrua, atuarão como simples hiperimpotrônicos. Nem sequer podemos compará-los*

*com nossos homens-máquina ou com os robôs construídos pelos arcônidas ou pelos*

*acônidas, pois não se pode estabelecer comparação entre o sistema positrônico e o*

*hiperimpotrônico.’*

— Vamos aproximar-nos a cinco minutos-luz!

Hatlinger não tirava os olhos da tela de visão global. De todos os lados vinham

resultados de medições. E o quadro que o coronel formou com base nos mesmos era bem

elucidativo.

— As câmaras estão funcionando em todas as faixas de ondas luminosas.

A morte de Frago estava sendo gravada em filmes. Cada um destes abrangia apenas

uma área bem delimitada do espectro. Ao todo, a filmagem abrangeu a faixa situada entre

o infravermelho com 10 cm e o ultravioleta com 10 cm.

A gigantesca nave esférica aproximou-se do mundo vermelho que estava morrendo.

Apesar da ampliação máxima não se percebiam os detalhes no meio da fogueira atômica.

Hatlinger não acreditava que lá embaixo ainda existissem robôs do tipo que o especialista

Moders designara pelo nome de hiperimpotrônicos. No entanto, lembrou-se de que o

robólogo lhe pedira insistentemente que não deixasse de fazer qualquer coisa para levar a

Árcon III o maior volume possível de observações realizadas em Frago.

— Aproxime-se a quinhentos mil quilômetros. Peça que lhe forneçam

constantemente os níveis de radiações.

A instrução ministrada por último representava uma simples questão de rotina. Não

era qualquer tipo de radiação que seria capaz de romper o envoltório protetor energético

da Sosata.

A gigantesca esfera começou a dar a primeira volta em torno do planeta. Hatlinger

deu ordem para aproximar-se a dez mil quilômetros.

Embaixo deles só havia a fogueira. Frago, que há pouco ainda era um único

complexo industrial e um depósito onde estavam guardados muitos milhões de pos-bis

que só esperavam o momento de serem ativados, continuaria a arder até o momento em

que a decomposição atômica se detivesse por si.

O coronel lembrou-se das usinas de cisão celular, nas quais gigantescas máquinas

levavam pequenas quantidades de plasma a multiplicar-se, a ponto de fazer seu volume

aumentar milhares de vezes.

Não restava nada disso. Uma maravilha biológica, criada por robôs, deixara de

existir!

Lançaram os olhos para os destroços chamejantes. Viram buracos gigantescos, que

tinham milhares de metros de profundidade.

Em nenhum lugar havia o menor movimento.

Frago estava morto. Hatlinger esteve a ponto de dar ordem de regressarem, mas

naquele instante os instrumentos registraram uma forte liberação de energia além de

Frago.

— Por que não temos os dados exatos? — perguntou Hatlinger.

A resposta que ouviu foi exatamente a que esperava. O planeta Frago com as

quantidades enormes de radiações e super-campos magnéticos era uma fonte de

interferência que não permitia a realização de medições precisas.

O lugar, em que estavam sendo liberadas grandes quantidades de energia, ficava

mais de meio ano-luz além do mundo dos robôs.

Com uma rapidez assustadora a supernave acelerou ao máximo, penetrou no semi-

espaço e percorreu num tempo extremamente curto a distância de meio ano-luz. Assim

que a espaçonave retornou à estrutura espacial normal, seus sistemas de rastreamento

detectaram a fonte da liberação de energia.

Eram cinco naves dos laurins que procuravam destruir uma nave fragmentária. O

veículo cúbico defendia-se com todos os canhões de radiações.

13

A primeira coisa que os oficiais de Hatlinger constataram foi que a gigantesca nave

dos pos-bis não dispunha de qualquer campo relativista.

— Atacar as naves dos laurins! O centro de comando de tiro tem ordem para abrir

fogo.

O piloto e o centro de comando de tiro confirmaram o recebimento da ordem.

Forças titânicas pareciam impelir a Sosata em direção ao lugar era que uma espaçonave

tripulada por robôs se defendia desesperadamente de cinco naves-pingo dos invisíveis.

— Tomara que os robôs não resolvam atacar-nos! —  
cochichou o co-piloto de

Hatlinger.

Desenvolvendo trezentos mil quilômetros por segundo, a  
gigantesca esfera espacial

precipitou-se sobre duas naves dos Laurins que, depois  
de descreverem uma curva

extremamente fechada, estavam voltando à posição de  
ataque. As explosões das bombas

conversoras, disparadas pela nave fragmentária,  
pareciam flores da morte que

desabrochavam no espaço.

De repente, vinte torres de canhões da Sosata abriram  
fogo. A nave dos Laurins mais

próxima foi atingida em cheio pelos raios  
desintegradores, de impulsos e térmicos. A

nave dos invisíveis, que só podia ser vista nas telas  
especiais da Sosata, explodiu,

produzindo o efeito de um fogo de artifício. A segunda  
nave teve arrancada a larga ponta

da proa.

No mesmo instante, as três naves-pingo que restavam  
afastaram-se da nave dos pos-

bis. Na sala de comando da Sosata não houve ninguém  
que prendesse a respiração, pois

para os terranos tornava-se mais fácil enfrentar as naves dos invisíveis que um único

veículo espacial fragmentário, embora os laurins possuíssem armas de radiações que lhes

permitiam destruir uma nave dos pos-bis devidamente protegida.

O oficial do rastreamento instantâneo falou em tom indiferente ao transmitir a

seguinte informação:

— A caixa se afasta! Os três laurins estão em posição de ataque!

No centro de comando de tiro, ninguém ficou nervoso. E os homens que se

encontravam a postos nas torres de canhões também não perderam a calma, quando a sala

de comando demorou em dar permissão de abrir fogo contra os laurins que se

aproximavam.

Os invisíveis disparavam suas perigosas torres de artilharia. Parte dos raios passou

rente à Sosata e o envoltório energético absorveu seis impactos. O gigantesco envoltório

do supergigante de mil e quinhentos metros de diâmetro ressoou que nem um sino, mas

os campos defensivos agüentaram.



— Fogo!

Os sinais destinados ao sistema de computação positrônica de tiro chegaram às

posições de artilharia numa fração de segundo. O abalo das vigorosas salvas sacudiu a

nave.

O laurin que voava à direita e o que se encontrava no centro desfizeram-se num

lampejo ofuscante. A nave que voava à esquerda foi atingida de raspão. Subiu de repente,

acelerando loucamente, e desapareceu no hiperespaço, produzindo um forte abalo

estrutural.

— Acertamos quatro — constatou Hatlinger. — É uma proporção bem aceitável.

Vamos afastar-nos e passar ao vôo linear. É preferível não confiar nessa nave

fragmentária e em seus tripulantes. Desloque a nave a uma distância de cem anos-luz.

14

— Deslocar a nave a uma distância de cem anos-luz, coronel — repetiu o piloto e

voltou a entregar a nave ao computador positrônico.

Pouco importava para que lado a nave se afastasse. Apesar disso o computador de

bordo não agiu segundo sua opinião. Três oficiais estavam parados junto ao dispositivo

positrônico. Realizaram algumas manipulações rápidas para transmitir-lhe as coordenadas

direcionais.

Os motores de impulso começaram a rugir no interior da grande protuberância

equatorial da nave. Acelerando ao máximo, a Sosata afastou-se da nave fragmentária, que

parecia parada no espaço escuro. No momento em que o propulsor linear começou a

trovejar, teve-se a impressão de que o Universo deixara de existir.

O Coronel Hatlinger olhou para o velocímetro graduado em anos-luz e leu a

velocidade do supergigante, que subia aos saltos. O rastreador de relevo, que se ligara

automaticamente, permitia que se olhasse da área do semi-espaço para o Universo

einsteiniano. A borda da Galáxia apareceu sob a forma de reluzente faixa luminosa. A

velocidade da nave era fantástica. Excedia a da luz e aumentava constantemente. Apesar

disso o aspecto da Via Láctea quase não se modificou.

O Coronel Hatlinger já havia redigido o relatório destinado a Perry Rhodan e

entregado o texto à sala de rádio. Dali a alguns minutos, um oficial de rádio aproximou-

se do comandante:

— Novas ordens do chefe, coronel.

Com a maior tranqüilidade, Hatlinger segurou as chapas perfuradas. Os sinais

codificados do rádio positrônico diziam o seguinte:

*Avançar pelo espaço cósmico. Evitar na medida do possível que o limite de segurança seja ultrapassado. Nas comunicações de rádio será usada a linguagem simbólica. Ass.: Rhodan.*

Sem dizer uma palavra, Hatlinger entregou a chapa perfurada ao piloto. Este leu o

texto e perguntou com a maior tranqüilidade:

— Coronel, o senhor concorda em que a Sosata seja pilotada sem o computador?

— De acordo — respondeu Hatlinger, depois de ligeira reflexão. — Mas não se

esqueça das manifestações de fadiga do material.

O piloto confirmou com um gesto. Mudou a posição da chave mestra sincronizada

para a posição da pilotagem manual. O piloto voltara a assumir a Sosata.

15

**2**

A nave capitania de Rhodan, a Teodorico, encontrava-se no maior porto espacial de

Árcon III. Estava pronta para decolar. Mas o administrador não estava a bordo. E além

dele faltavam outros homens muito importantes.

A espaçonave já deveria ter decolado há duas horas. Mas, pouco antes da hora

marcada, chegara o hipergrama do Coronel Hatlinger, expedido nas proximidades de

Frago. Seu relatório provocara uma discussão científica entre os cibernéticos. O grupo a

favor de Moders tornava-se cada vez menor. Vários colegas que até então haviam

apoiado as suposições do robólogo mudaram de opinião. Os debates tornavam-se cada

vez mais acalorados. Moders era acusado abertamente de realizar “*especulações*

*anticientíficas*”.

O professor Gaston Durand, que estava de pé diante do cientista, com o rosto muito

vermelho, disse:

— Colega, o senhor se afasta cada vez mais da base sobre a qual se podem fundar

hipóteses!

Moders aparentava uma estranha calma. Olhou em torno. Quando fitou o pequeno

grupo que ainda apoiava suas opiniões, um brilho irônico surgiu em seus olhos.

— Talvez o senhor tenha razão, professor Durand. Acontece que, enquanto o senhor

não nos fornecer outra explicação para os acontecimentos que se têm verificado no

Mundo dos Duzentos Sóis, pouco importa que o senhor aceite ou deixe de aceitar minha

teoria sobre a oscilação da intensidade do engaste. Sou todo ouvidos, professor Durand.

O que é que o senhor pode contrapor às minhas idéias?

Van Moders não tinha muitos adeptos entre os colegas. Era invejado porque o chefe

constantemente recorria a ele para pedir conselhos. Por mais de uma vez ouvira alguém

dizer às suas costas que era a “*criança queridinha de Rhodan*”. Essa designação fora

inventada por Reginald Bell.

E agora Moders havia trazido à baila mais uma incrível suposição... Agora, a menos

de trinta minutos para a hora em que deveria decolar a Teodorico!

Pouco lhe interessava saber quem teria informado o chefe sobre a discussão

apaixonada dos cibernéticos. O fato é que no momento em que o professor Gaston

Durand, muito nervoso e acuado pelos argumentos de Moders, se dispunha a dar uma

resposta menos objetiva, Perry Rhodan chamou pelo sistema de intercomunicação.

— Não se apressem. Adiarei a decolagem até que tenham concluído a troca de

idéias.

Todos compreenderam o significado disso.

Uma ação de que participavam três mil espaçonaves tinha um cronograma no qual

havam sido enquadrados milhares de detalhes, e esse cronograma tinha que ser

respeitado, pois, do contrário, o êxito de todo o plano seria colocado em perigo. Se o

chefe lhes recomendara que não se apressassem, isso significava que deveriam terminar

logo o debate estéril...

O professor Durand e seus adeptos também compreenderam a observação do chefe.

Van Moders não deixou que os outros percebessem a sensação de triunfo que estava

experimentando.

16

— Faça o favor, professor Durand. O senhor está com a palavra.

— Não adianta travar debate com o senhor sob a pressão da escassez de tempo. No

meu entender é uma irresponsabilidade enviar três mil espaçonaves para o nada,

confiando apenas na sorte. De qualquer maneira, a responsabilidade desse plano maluco é

exclusivamente sua. Infelizmente o chefe dá muita atenção ao que o senhor diz.

Um dos membros do grupo de Durand formulou uma objeção:

— Professor, sua argumentação não poderia ser menos objetiva.

Furioso, o professor respondeu aos gritos:

— Como se atreve a dizer que meus argumentos são pouco objetivos? Por que não

ataca as teorias malucas de Moders com a mesma violência? A idéia de eliminar as

oscilações hipotéticas na intensidade do engaste por meios técnicos e com o auxílio das

forças paranormais dos mutantes é uma tolice rematada.

Van Moders acomodou-se tranqüilamente na poltrona mais próxima.

De repente Durand colocou-se à sua frente.

— Então, Van Moders? Acabo de fazer uma afirmativa...

Moders fitou-o com uma expressão de compaixão.

— Queira desculpar, professor Durand, mas estou sofrendo de amnésia temporária.

No momento não me lembro de como o senhor, professor de Cibernética, tenha prestado

qualquer contribuição, por menor que seja, para conhecer a mentalidade dos pos-bis,

identificar o perigo que os mesmos representam ou afastar esse perigo. Como a grande

maioria dos meus colegas seguem sua opinião, vejo-me obrigado a submeter suas dúvidas

ao chefe. Além disso deverei sugerir que suspenda a ação no Mundo dos Duzentos Sóis.

Permite que me dirija ao chefe? Não quer acompanhar-me, professor Durand? Nesse caso



não precisaria falar tanto.

— Vá para o inferno! — gritou Durand, que estava perdendo o autocontrole.

Mas logo ficou furioso com o deslize que ele próprio acabara de cometer e estreitou

os lábios. Moders levantou-se.

— Nem penso em ir para o inferno, professor. Não atenderia a um pedido desses,

nem que fosse manifestado por meu melhor amigo. Vou é procurar o chefe. Dá licença?

Nunca foi fácil chegar a Perry Rhodan. Se cada um dos colaboradores lhe

manifestasse as preocupações que o afligiam, os inúmeros detalhes fariam com que o

chefe perdesse a visão do conjunto. Mas havia alguns homens que tinham acesso a ele a

qualquer momento. Van Moders era um desses poucos homens, pois o que dizia sempre

tinha valor.

Os dois robôs postados na entrada do apartamento subterrâneo em que Rhodan

residia e trabalhava não se interpuseram no caminho de Moders. Identificaram-no numa

fração de segundo e transmitiram a notícia de sua visita ao controle positrônico, que a

registrou em sua memória.

Quando entrou, viu que o chefe, Bell, John Marshall e Deringhouse estavam

inclinados sobre um gigantesco diagrama.

À entrada de Moders, os homens levantaram os olhos. Bell apontou ostensivamente

para o cronômetro.

— Já sei, mister Bell. Foi justamente por isso que vim. A maioria dos meus colegas

entende que a missão do Mundo dos Duzentos Sóis é uma utopia, uma leviandade, um

ato de diletantismo. Consideram-me uma personalidade psicopática, obcecada pela

ambição.

Rhodan ouviu-o com toda atenção.

17

— Moders, com quem estava conversando quando falei com você?

— Com um colega, sir — disse Moders, esquivando-se a uma resposta mais precisa.

— Poderia dizer o nome desse colega? Esta última pergunta foi formulada em tom

mais áspero, e a resposta foi dada a contragosto.

— Professor Durand, chefe.

— Ponha-o para fora! — exclamou Bell, petulantemente.

— Essa não. Por favor, mister Bell — protestou Moders. — Já descobri que, em

qualquer projeto, é muito importante ter como colaboradores alguns colegas, cujo ponto

de vista seja diferente do nosso.

— Durand nunca teve um ponto de vista — afirmou Bell.

Rhodan voltou a entrar na palestra.

— Qual é sua opinião sobre o Projeto Mundo dos Duzentos Sóis?

— Minha opinião ainda é a mesma, chefe. Não vejo motivo para modificá-la.

Perry Rhodan refletiu por um instante.

— Está bem. Acomode-se ali e faça imediatamente uma lista com os nomes dos

colegas que, graças aos seus conhecimentos, podem prestar alguma contribuição para o

êxito de nosso plano.

— Sir, meu espírito não é bastante objetivo para isso e...

Moders não pôde prosseguir.

— Deixe este aspecto por minha conta. Por favor, Moders! Já perdemos muito

tempo.

O robólogo sabia como estavam as coisas quando o chefe usava esse tom. Sentou-se

e pôs-se a elaborar a lista de nomes. Rhodan e Bell leram.

— O quê? — gritou Reginald Bell, furioso. — Apesar de tudo, o senhor quer que

esse Durand o acompanhe no vôo ao Mundo dos Duzentos Sóis?

Rhodan colocou a lista sobre a mesa.

— Moders, não é necessário responder à pergunta de mister Bell. O senhor deve

saber por que incluiu Durand na sua lista. Encarregue-se de avisar os colegas que deverão

acompanhá-lo no vôo. Quero que, dentro de trinta minutos, seu grupo esteja a bordo da

Teodorico.

Quando o robólogo se retirou, Bell esfregou o queixo.

— Gostaria de saber por que Moders incluiu esse professor esquisitão em sua lista,

Perry.

— Não compreendo que você faça uma pergunta como esta, gorducho. Além de ser

um genial robólogo, Moders também tem muito senso psicológico. Incluindo Durand em

seu grupo, Moders privou-o de todos os argumentos que poderia usar contra ele. Se

estivesse no lugar de Moders, agiria da mesma forma.

Bell compreendeu.

— Esse jovem vai indo muito bem — depois mudou de assunto. Apontou para o

cronograma. — Isto não passa de um pedaço de papel.

Rhodan não era da mesma opinião.

— De forma alguma. O tempo X será adiado por duas horas. Basta enviar uma

mensagem circular para informar todos os comandantes sobre a modificação. Faça o

favor de encarregar-se disso.

\* \* \*

18

Parado junto à tela do rastreador de relevo, que tremeluzia ligeiramente, o Coronel

Hatlinger estava assistindo a um quadro nunca visto. De ambos os lados da tela, o

aglomerado de estrelas, em cujo centro a Terra percorria sua trajetória em meio a bilhões

de mundos, parecia encolher. A Galáxia aparecia com os braços em espiral penetrando

profundamente no espaço.

— Meu Deus! — disse o oficial encarregado do rastreador, que se encontrava a seu

lado.

O rastreador de relevo estava orientado em direção à Galáxia. Assinalava alguns

pontos importantes no estandarte de estrelas que os homens que se encontravam na zona

de libração do semi-espaço estavam admirando. A Sosata precisava dos pontos de

referência estelares, pois sem eles poderia sofrer um deslocamento de dezenas de

milhares de anos-luz, em relação ao ponto de penetração na Via Láctea.

Já se haviam acostumado ao rugido do kalup, que tinha um efeito tranqüilizador.

Hatlinger obrigou-se a afastar os olhos do encantador quadro projetado na tela do

rastreador de relevo. Atravessou a sala de comando e colocou-se ao lado do piloto.

— Saída para fins de orientação — ordenou.

— Regressar ao espaço normal — disse o piloto, repetindo em outras palavras a

ordem do coronel.

O trovejar dos motores de impulsos, que substituiu o rugido do kalup, doía nos ouvidos.

A Sosata encontrava-se no espaço vazio, a cento e trinta e oito mil anos-luz dos limites da Galáxia.

A nave esférica reduziu a velocidade. Os neutralizadores de pressão tiveram de eliminar tremendas forças. O velocímetro graduado em anos-luz não indicava mais nada.

Outro instrumento, regulado em quilômetros por segundo, apontava um valor próximo a

zero. Depois de algum tempo o supercourageado ficou parado no espaço sem luz. A

gigantesca tela de visão global mostrou a Galáxia sob a forma de uma nuvem que emitia

um brilho suave.

A Sosata acabara de transformar-se num posto de localização radiogoniométrica.

Uma equipe de cosmonautas e o grande computador de bordo puseram-se a

trabalhar, a fim de apurar as coordenadas da Sosata.

O terceiro controle voltou a indicar uma diferença em relação à primeira fixação das coordenadas.

— Afinal, é totalmente impossível determinar nossa posição com a exatidão de um

décimo milésimo de segundo! — exclamou o chefe da equipe de cosmonautas, em tom

furioso. — No espaço vazio, nossos instrumentos não prestam. Os pontos de referência

estão muito distantes.

— O senhor se lembra do que disse o computador positrônico, quando foi

consultado a este respeito? — perguntou o Coronel Hatlinger, com a maior calma.

— Afirmar é fácil, coronel. Acontece que por mais que nos esforcemos, não estamos

conseguindo. Veja. As diferenças chegam a três segundos. Será que, na distância em que

nos encontramos da Galáxia, isso é de se admirar?

— Talvez o senhor não domine sua tarefa — disse Hatlinger.

Sabia perfeitamente o que estava dizendo e, ao proferir estas palavras, visava a um

fim bem definido.



— Ora, coronel...

19

Não falou mais nada. De repente o cosmonauta deu as costas a Hatlinger, voltou

para junto de sua equipe e disse:

— Vamos repetir a operação, até que os dados confirmem.

Os membros da equipe haviam ouvido as palavras de Hatlinger. Os homens sentiram

que estavam sendo injustamente atacados. Mas esse ataque estimulou-os a provar alguma

coisa ao coronel!...

Depois de uma hora e onze minutos, finalmente conseguiram. Os membros da

equipe soltaram um suspiro de alívio e transmitiram as coordenadas à sala de rádio.

— Pois então! — disse Pyss, um técnico de comunicação que era o encarregado

principal da aparelhagem de rádio da Sosata.

Pyss cochichou mais alguma coisa que ninguém entendeu, mas não saiu da sala de

rádio. O Coronel Hatlinger, que também se encontrava presente, recebeu uma explicação.

— Gostaria de saber como funciona essa coisa que quase nos levou à beira da

loucura...

A coisa era o instrumento de alta precisão. Tinha o aspecto de uma caixa, igual a

qualquer outra, e todos os seus lados mediam trinta centímetros.

As antenas da Sosata foram direcionadas com base nas coordenadas que acabavam

de ser apuradas. Nas duas horas que se seguiram, o piloto teve tanto trabalho que o suor

começou a porejar por todo o seu corpo. O setor de rádio exigia categoricamente que a

nave esférica permanecesse praticamente imóvel no espaço.

— Agora estão enlouquecendo de vez! — constatou o piloto com um gemido, mas

nos cento e dezoito minutos que se seguiram deu prova de sua capacidade.

A Sosata mantinha-se imóvel em relação à Via Láctea, em meio à escuridão. O setor

de rádio teve condições de iniciar seu trabalho.

Dentro em pouco, a Messina, uma nave que também funcionava como posto de

radiogoniometria e se encontrava relativamente próxima à Via Láctea, respondeu ao sinal

goniométrico permanente do supercouraçado. A Sosata pediu as coordenadas exatas. Os

cosmonautas da Messina enfrentaram as mesmas dificuldades com que a equipe do

supercouraçado se havia defrontado. Ao contrário destes, mesmo depois de dois dias de

tentativas não conseguiram solucionar satisfatoriamente o problema.

— Saia da recepção — ordenou Pyss. — Não poderemos usar a Messina como

segundo ponto de referência. É uma pena. Se conseguíssemos uma boa recepção, isso nos

facilitaria bastante as coisas.

Veza por outra recebiam-se sinais simbólicos pouco intensos e incompreensíveis. A

sala de rádio enchia-se cada vez mais da fumaça de cigarro. Os exaustores do sistema de

renovação de ar haviam sido regulados para a rotação mínima. Qualquer pessoa que não

tivesse uma necessidade absoluta de movimentar-se no interior da nave permanecia em

seu lugar. Realizavam-se verificações ininterruptas para apurar se a Sosata não estava

girando.

— A frota nunca passou por uma experiência tão complicada — constatou Pyss.

O conversor de símbolos, que estava pronto para entrar em funcionamento, zumbia

baixinho. Vez por outra um pequenino relê emitia um estalido. Sempre que isso acontecia

os homens que aguardavam ansiosamente levantavam a cabeça e fitavam os

instrumentos. Mas os ponteiros e as escalas permaneciam imóveis.

Certa vez, Pyss passou a escuta, por um instante, para a frequência das frotas unidas.

Foi quando ouviu a mensagem circular que Bell transmitiu por ordem do chefe. Em

20

conformidade com essa mensagem, todo o cronograma sofreu um deslocamento de

exatamente duas horas.

Os homens na sala de rádio examinaram os cronômetros para verificar quanto tempo

ainda lhes restava. Menos de meia hora!

— Até lá não acontecerá nenhum milagre — disse um sargento, que se mantinha

imóvel diante do controle de frequência do equipamento de rádio.

No instante em que estas palavras foram proferidas, o dispositivo energético uivou

baixo.

Era uma recepção de sinais simbólicos transmitidos pelo rádio.

— O que é isso? São muito fracos! — exclamou Pyss.

Contudo, a tradutora provou que era assim mesmo, pois nem entrou em

funcionamento. Não aceitou o suprimento energético excessivamente débil.

— Reforce isso imediatamente! — ordenou Pyss. — Tomara que, nesse instante, a

Sosata não faça nenhum movimento... nem de alguns centímetros!

E a nave não fez.

O gigantesco equipamento de reforço do supercourageado trabalhou com a potência

máxima. O alto-falante acoplado com o mesmo transmitiu com maior nitidez os sinais

que estavam sendo recebidos.

Uma chapa de plástico perfurada foi saindo da fenda do conversor de símbolos. O

Coronel Hatlinger já não estava tão calmo. Ele e Pyss inclinaram-se sobre a chapa e

leram a mensagem decifrada.

Aquilo que ninguém ousara esperar transformara-se em realidade. O centro de

plasma do Mundo dos Duzentos Sóis estava enviando mensagens pelo rádio.

Acontece que os sinais eram muito débeis. E só graças aos imensos amplificadores

da Sosata, a mensagem pôde ser decifrada. No entanto, a tradutora não aceitou tudo. Em

certos trechos da mensagem, a recepção foi tão fraca que não havia como ampliá-la.

O Mundo dos Duzentos Sóis estava usando um transmissor de emergência para

enviar sua mensagem. Era o que se concluía, sem a menor sombra de dúvida, da

respectiva tradução. O potente transmissor principal estava em poder do comando

hiperimpotrônico.

Pyss e o Coronel Hatlinger respiraram nervosamente.

Grandes destruições haviam sido realizadas no Mundo dos Duzentos Sóis.

O interior pedia à verdadeira vida que o protegesse.

— Pyss, responda imediatamente. Peça ao centro de plasma que envie algumas

naves fragmentárias para Frago. Ande depressa, pois a biossubstância está perdendo o

*“fôlego”*.

Era o que provavam os instrumentos de medição. A potência de chegada da

mensagem simbólica era cada vez mais fraca.

Pyss concentrou toda a energia em uma única frequência e transmitiu a mensagem

de hipercomunicação destinada ao centro de plasma, situado em algum ponto do espaço

intergaláctico.

Será que o transmissor de emergência que estava sendo usado pela biossubstância

ainda possuía energia para transmitir sua resposta?

Pyss comunicou a posição de Frago. O conversor de símbolos, que há pouco fora

aperfeiçoado em sua estrutura, transcreveu rápido e preciso suas palavras para os sinais

codificados dos pos-bis.

21

O Mundo dos Duzentos Sóis confirmou a resposta. Ponto de cruzamento anotado;

era a designação que os pos-bis usavam para as coordenadas.

Envie verdadeira vida, uma vez realizada a reprodução do interior.

Isso representava uma alusão à estação de cisão celular de Frago, onde a

bio substância era levada, por meio de um estímulo artificial, a entrar num processo de

cisão celular. Além disso essas palavras representavam uma alusão ao próprio planeta

Frago.

— É só! — disse Pyss, em tom triste. — O que chegar depois disso poderá ser

reforçado, quando muito, pela grande estação de rádio de Árcon III. Coronel, sua

suposição era correta. O centro de plasma do Mundo dos Duzentos Sóis ficou “*sem*

*fôlego*”.

— Depois conversaremos. Caramba! O que diz o instrumento de precisão? —

perguntou Hatlinger.

Teve de esperar, pois Pyss não respondeu logo. Enquanto isso, o coronel sentia uma

certa apreensão. Era indispensável informar o chefe, mas isso só poderia ser feito quando

soubesse se a experiência com o novo aparelho fora bem-sucedida. Além de outras



coisas, o aparelho deveria servir para verificar em que direção ficava o Mundo dos

Duzentos Sóis.

Pyss praguejou e atirou para longe a fita cinematográfica, na qual estavam

registradas todas as operações do aparelho de precisão.

— Aconteceu exatamente o que eu esperava, coronel — disse em tom contrariado.

— O aparelho apurou a direção da qual veio a mensagem expedida pelo transmissor do

centro de plasma, mas não o plano em que ele se situa.

— O que quer dizer com isso, Pyss?

Pyss soltou uma risada amarga e apontou primeiro para o teto e depois para o chão.

— O Mundo dos Duzentos Sóis tanto pode estar em cima de nós como embaixo, ou

num ângulo de noventa graus. A única coisa de que temos certeza é que se acha no verde

negativo 176:95.97, medido do ponto em que nos encontramos.

— Qual é a distância? O aparelho de precisão deveria ser capaz de determiná-la.

— Se estivesse ajustado, sim. Ainda não fiz a interpretação completa do filme.

Segundo este, o Mundo dos Duzentos Sóis pode ficar entre duzentos mil e quatrocentos

mil anos-luz dos limites da Galáxia. Talvez essa maravilha nos tivesse fornecido dados

mais exatos, coronel, mas fomos idiotas a ponto de fazer com que não pudesse funcionar

como devia. Estragamos tudo com nossos amplificadores de hiperondas.

— De qualquer maneira a cifra correspondente à coordenada do verde é exata, não

é, Pyss?

Pyss fez que sim. O coronel prosseguiu apressadamente:

— Ligue-me imediatamente com o chefe!

Olhou para seu cronômetro. Era tudo uma questão de minutos...

A ligação foi estabelecida. O rosto de Rhodan apareceu na tela. O Coronel Hatlinger

relatou o que havia acontecido. Repetiu textualmente a mensagem do centro de plasma.

Rhodan aprovou com um gesto o pedido de enviar algumas naves fragmentárias para

Frago, que Hatlinger fizera à biossubstância do Mundo dos Duzentos Sóis. O chefe não

parecia surpreender-se com o fato de a coordenada do mundo de plasma só ter sido

determinada no verde.

22

— Hatlinger, retire a Sosata a um terço da distância da Galáxia. Fique lá até receber

novas ordens de mister Bell, ou até receber um chamado do quartel-general. Muito

obrigado. O senhor e seus homens fizeram um excelente trabalho.

Perry Rhodan sempre fora um mestre na arte de conduzir os homens. O pequeno

elogio que fizera do fundo do coração fez com que os tripulantes da Sosata esquecessem

os trabalhos extenuantes que tinham realizado. Todos sabiam que a palestra fora ouvida

pelos tripulantes de três mil espaçonaves pertencentes ao destacamento especial, e esse

fato, aliado ao elogio recebido do chefe, aumentou sua autoconfiança.

Enquanto recolhia as colunas telescópicas de apoio, a Teodorico ergueu-se do porto

espacial central de Árcon III. Os gigantescos motores de jato-propulsão instalados na

enorme protuberância equatorial rugiram. Dali a alguns segundos, a nave rompeu a

espessa camada de nuvens que envolvia o terceiro planeta central do Grande Império e,

no mesmo instante, mergulhou na luminosidade ofuscante do sol de Árcon.

Rhodan não se encontrava na sala de comando. Sabia que sob o comando do

epsalense Jefe Claudrin sua nave estava em boas mãos.

O pessoal de rádio trabalhava a todo vapor. As três mil unidades do destacamento

especial, que se encontravam no espaço vazio, a cinqüenta mil anos-luz da Galáxia,

receberam ordem para dirigir-se a Frago. Com isso o cronograma, cuja elaboração dera

tanto trabalho, ficou totalmente inutilizado.

Os comandantes dos vários grupos foram respondendo para confirmar o

recebimento da ordem. Bell pediu a Jefe Claudrin que calculasse quando a Teodorico

poderia estar nas proximidades de Frago. O epsalense levou alguns minutos para

responder. De posse dessa informação, Bell procurou Rhodan.

— Perry, chegaremos ao mundo dos robôs antes das três mil naves.

— Era o que eu pensava, gorducho. Dessa forma você terá tempo para ocupar-se

com a coordenada do verde que foi apurada. Poderíamos projetar o espaço vazio com

nossa Galáxia na periferia.

— Poderíamos. Pois não. Será muita escuridão, não é?

A única pessoa que se encontrava em companhia dos dois “*ferrenhos*” amigos era

John Marshall, coronel e chefe do grupo de mutantes. Nem ele nem Rhodan se

espantaram. No fundo, não haviam esperado outra coisa. Muitas vezes uma coisa, que há

duzentos anos exigiria meses de trabalho, atualmente era feita em algumas horas. Apesar

disso, ainda restavam muitos problemas a serem resolvidos.

Por exemplo, os invisíveis, cujo mundo, segundo se supunha, ficava na galáxia de

Andrômeda, ainda representavam um problema grave. Embora já se houvesse conseguido

torná-los visíveis, por meio dos óculos antiflex, o enigma permanecia, pois tudo aquilo

que ficava por trás, isto é, seu estilo de vida, seus pensamentos e seu modo de agir, ainda

constituía um mistério.

As informações que os terranos possuíam sobre os pos-bis eram muito mais

completas. Sabiam que o lugar de origem do plasma localizava-se além do grande

abismo, numa galáxia-satélite de Andrômeda. Por isso Rhodan resolvera, com base num

raciocínio frio, que por enquanto as pesquisas destinadas a descobrir o lugar correto em

que ficava o planeta do plasma passariam a terceiro plano. Por enquanto, todas as

atenções se concentrariam nos próprios pos-bis e em suas funções discrepantes.

Só Bell aproximou-se da projeção. Lançou mão de recursos arcônidas para fixar a

posição da Sosata e tentar inserir a coordenada do verde no espaço intergaláctico.

23

— John — disse Rhodan, dirigindo-se ao chefe dos mutantes. — Reúna seus

telepatas. Assim que aparecerem as naves fragmentárias, eles deverão testá-las.

— O senhor receia que o centro de plasma do Mundo dos Duzentos Sóis não possa

estar em condições de enviar as naves fragmentárias, porque todas as unidades estão

submetidas ao comando hiperimpotrônico?

— Ora, John, eu não sou Moders! — disse Rhodan com um sorriso. — Apesar

disso, meu raciocínio seguiu nessa direção. Mas não acredito no que o senhor acaba de

dizer. Entretanto devemos ter cuidado. Frago é um ótimo exemplo.

O arcônida entrou. Gucky caminhava a seu lado. O rato-castor fitou Rhodan com

uma expressão de recriminação. Este intencionalmente fez pouco-caso. Atlan dispôs-se a

falar. O Tenente Gucky interrompeu o imperador de Árcon.

— Perry, por que tenho de ficar na “geladeira”?

— O que quer dizer com isso, Gucky? — perguntou Rhodan, espantado.

— Isso não deixa de ser um método de obrigar um tenente da Frota Solar a dizer

duas vezes a mesma coisa — protestou o rato-castor. — Quero saber por que não fui

designado para participar de qualquer missão. Da minha parte acho que é como se tivesse

sido colocado na...

— Já ouvi isso, meu caro Gucky — interrompeu Rhodan.

— Para tranquilizá-lo,

quero deixar claro que fui eu que dei ordem para isso.  
Está satisfeito?

— Nem de longe — Gucky sabia ser obstinado quando  
isso era de seu interesse. —

Quero saber por que fui deixado para trás, Perry.

— Acontece que não quero dizer. Retire-se, tenente! Não  
nos faça perder tempo!

Rhodan disse essas palavras em tom mais áspero do que  
pretendera. Gucky hesitou.

— Gostaria de saber por que há algumas horas você está  
bloqueando seus

pensamentos. Ainda hei de descobrir, chefe.

Mal acabou de pronunciar essas palavras, desapareceu  
abruptamente. Atlan fitou

Perry Rhodan. Sorriu.

— Seu pessoal às vezes me faz rir, meu caro.

A Teodorico já saíra do sistema do sol de Árcon e, uma  
vez ultrapassada a última

órbita planetária, penetrara no semi-espaço.  
Prosseguindo em vôo linear, a velocidade

superior à da luz, a nave avançava em direção a Frago,  
que ficava a 92 mil anos-luz de

M-13.

\* \* \*



Fazia tempo que Atlan se retirara. Marshall voltou e discutiu coisas importantes com

Rhodan. Finalmente Bell concluiu o trabalho que estava fazendo na projeção.

Virou-se para o amigo. Seu rosto parecia tenso.

— Está interessado, Perry?

Naquele momento Bell era um cientista que devia ser levado a sério. Atuara na área

da Eletrônica, mas logo se familiarizou com a da Positrônica, onde era considerado uma

grande capacidade.

Rhodan colocou-se ao lado do amigo. Um raio verde em leque, cuja coloração se

tornava menos intensa à medida que penetrava no espaço extragaláctico, representava a

coordenada que fora apurada na Sosata.

Bell forneceu algumas explicações.

— Não sabemos nada sobre as ondas de hiper-rádio e seu comportamento no espaço

vazio extragaláctico. Não concordo com a opinião de Pyss, segundo o qual o transmissor

24

de emergência do centro de plasma poderia encontrar-se bem em cima ou embaixo da

Sosata. Mas apesar de tudo não se pode excluir a possibilidade de que esteja com a razão.

Mas, se parto do raciocínio desenvolvido por ele, não chego a qualquer resultado

proveitável. Olhe, Perry. — apontou para a parte do leque verde que já era

praticamente irreconhecível. — Pouco importa qual seja a velocidade das ondas de hiper-

rádio. O fato é que ninguém me fará acreditar que, depois de percorrer duzentos ou

trezentos mil anos-luz, elas atinjam as antenas dos receptores, sem a menor perda de

energia. Por isso, a parte mais pálida do verde deve ser excluída. O Mundo dos Duzentos

Sóis pode ficar entre esta área e esta — apontou com ambas as mãos.

— Concluiu-se que, se as medições do pessoal da Sosata foram corretas, são uns

duzentos e cinqüenta mil a trezentos e cinqüenta mil anos-luz. Neste limite máximo o

foco tem cerca de sessenta mil anos-luz de diâmetro.

— Isso com referência a determinado plano, ou no total, gorducho?

— No total. Onde poderia encontrar um plano? Se a Sosata nos tivesse fornecido o

mesmo, a esta hora já saberíamos onde procurar o centro de plasma.

— Como foi que você encontrou a posição da Sosata? — perguntou Perry.

— Peço-lhe que dispense as explicações — respondeu Bell. — Senti-me como um

colegial durante a prova final de Matemática. Mas a posição inserida na projeção está

certa. Quanto a isso não tenha a menor dúvida.

Rhodan sentiu-se fascinado pela exposição. Lembrou-se dos cálculos técnicos e

logísticos antes realizados, a fim de obter ao menos uma cifra que tivesse a seu favor um

elevado grau de probabilidade. E, segundo essa cifra, durante um vôo realizado numa

extensão total de 400 mil anos-luz cinqüenta por cento das três mil naves seriam

perdidas. O percurso máximo calculado por meio da projeção era inferior a isso em um

oitavo.

Passou a monologar.

— Isso me tranqüiliza um pouco. As chances de a missão ser bem-sucedida

melhoraram ligeiramente...

Nesse momento, o Comodoro Jefe Claudrin chamou.

— Chefe, chegaremos daqui a dez minutos.

— Já? — perguntou Bell, perplexo, e olhou para o cronômetro. Rhodan também se

surpreendeu por terem gasto tanto tempo com o exame da projeção. Dirigiu-se ao armário

e vestiu o traje de combate. Bell seguiu seu exemplo. Um comando especial de três mil

homens, que se encontrava a bordo da nave capitania, preparou-se para o combate.

A gigantesca equipe encontrava-se nos conveses G e H. Os aparelhos destinados à

missão especial a ser desempenhada haviam sido colocados em dois cruzadores da classe

Cidade e trinta jatos espaciais.

Dos conveses G e H veio a notícia de que os homens estavam preparados para entrar

em ação. A central de comando de tiro chamou. Atlan e John Marshall apareceram ao

mesmo instante na cabina de Rhodan. Deringhouse chamou pelo intercomunicador. No

momento não podia sair do lugar em que se encontrava, pois estava realizando alguns

controles importantes.

Os dez minutos logo passaram. O rugido dos kalups cessou. A Teodorico retornou

ao Universo normal. Marshall dirigiu-se ao lugar em que estava seu grupo de mutantes,

enquanto Rhodan e Atlan entravam na sala de comando da nave capitania.

A tela panorâmica projetava a luminosidade de Frago, o mundo dos pos-bis, que se

desmanchava na incandescência atômica. O planeta parecia uma roda de fogo parada em

25

meio ao negrume do nada que o cercava por todos os lados. Rhodan acomodou-se na

poltrona de reserva. Dali podia pilotar a Teodorico tão bem quanto o primeiro-piloto,

sentado na poltrona de comando. Havia uma série de microfones à sua frente. Colocou o

que correspondia ao hiper-rádio na altura da cabeça.

Três mil unidades, que ainda estavam voando em direção a Frago, receberam ordens

sobre a formação das linhas de combate.

A manobra consumiu oito minutos. Os comandantes dos diversos grupos foram

comunicando o cumprimento da ordem.

A Teodorico deu algumas voltas em torno de Frago, protegida por seus gigantes

campos energéticos. Os instrumentos e os homens que observaram a superfície do planeta

não viram nada além do que a Sosata já havia observado. O planeta Frago era apenas um

ponto de referência no espaço vazio.

O tempo foi passando lentamente. A espera pelas naves fragmentárias do Mundo dos

Duzentos Sóis começou a desgastar os nervos dos homens.

Os instrumentos de todas as naves registraram simultaneamente um tremendo abalo

estrutural. As cifras registradas, conjugadas com o saber armazenado nos computadores

de bordo, levaram à conclusão de que se tratava de cinco naves fragmentárias, que no

momento se aproximavam a oitenta e cinco por cento da velocidade da luz.

— Desta vez também não se nota a presença de campos relativistas — comentou

alguém que se encontrava na sala de comando da nave capitania.

— É estranho — disse Atlan, dirigindo-se a Rhodan. — Isso já aconteceu mais de

uma vez. Não compreendo a ausência dos campos defensivos, que afinal constituem um

elemento de importância vital.

Dali a trinta minutos os veículos fragmentários atingiram as linhas das naves

esféricas terranas, que se encontravam nas profundezas do espaço.

O sistema de rastreamento estrutural deu o alarma.

Antes que o oficial do posto de observação espacial pudesse dizer qualquer coisa,

veio a voz metálica do computador de bordo:

— Dezesseis naves-pingo de grandes dimensões aproximam-se dos veículos

fragmentários. A rota dos laurins é a seguinte...

A notícia foi transmitida a todas as naves pelo hiper-rádio. Rhodan deu suas ordens.

Setecentas e vinte naves separaram-se do destacamento, aceleraram ao máximo e,

penetrando no semi-espaço, foram ao encontro das espaçonaves dos invisíveis, que se

dispunham a atacar os pos-bis.

— Já não compreendo mais nada — disse Bell, contrariado, lançando um olhar

indagador para Perry. — Ainda não se nota a presença de campos relativistas nessas

caixas quadradas. Serão derrubadas pelos laurins como se fossem pombinhos de enfeite.

— Moders, compareça imediatamente à sala de comando  
— gritou Rhodan pelo

sistema de intercomunicação.

— Santo Deus — disse Bell, numa leve objeção. — Você logo chama este homem

das idéias apavorantes.

Rhodan respondeu em voz baixa, para que os outros não pudessem ouvi-lo:

— Você mereceria minha admiração se vez por outra tivesse pelo menos uma idéia

igual às de Moders.

— Isso é uma questão de gosto.

Moders entrou correndo. Rhodan informou-o em poucas palavras. Moders fez uma

careta.

26

— Sinto muito, chefe. Tenho que decepcioná-lo. Também não tenho a resposta.

Desde o momento em que pela primeira vez se noticiou o encontro com uma nave



fragmentária sem campo relativista, andei pensando sobre isso. Não sei como explicar.

Ao formar o gigantesco grupo de naves, Rhodan preferia não dar nomes às

unidades. O enquadramento de cada uma delas em determinado subgrupo era assinalado

por um grupo de letras, seguido por alguns algarismos, que substituíam o nome.

A nave D-785 enviou uma mensagem de hiper-rádio. D-785 tinha dois telepatas a

bordo. Era uma das setecentas e vinte unidades que corriam ao encontro dos laurins.

Nas cinco naves fragmentárias notaram-se fortes impulsos mentais... Estabelecemos

contato com o comandante de plasma, se é que neste ponto se pode falar em contato.

Holderlien.

— Chefe, será que posso comunicar-me com o mutante Holderlien? Gostaria de

fazer-lhe algumas perguntas — disse Moders.

— Pois não!

O robólogo chamou a D-785. Não poderia ter escolhido um momento menos

apropriado, pois as naves acabavam de retornar ao Universo einsteiniano e estavam

abrindo fogo com todas as peças contra as gigantescas naves-pingo dos laurins.

Apesar disso o mutante Holderlien apareceu diante da objetiva. As perguntas e as

respostas se sucediam. Muitas vezes o mutante hesitava com as respostas ou esquivava-se

às perguntas, dizendo:

— Não sei dizer. Meus contatos com os cérebros de plasma foram muito raros.

Apesar disso, Van Moders parecia muito satisfeito quando concluiu a palestra.

— Sir, as cinco naves fragmentárias são amigas da vida biológica. Os comandos

hiperimpotrônicos das mesmas estão sob o controle do plasma.

— Tomara que não esteja enganado, Moders. Um erro a este respeito poderia

eventualmente custar a vida de milhares de homens.

— Quando tivermos liquidado os laurins, deveremos aproximar-nos mais das naves

dos pos-bis. Então faremos um controle telepático mais intenso, chefe.

Sem dizer uma palavra, Rhodan apontou para a tela. Graças ao novo localizador-

defletor já se podia dispensar a tela especial, que até então só era capaz de retratar as

naves dos laurins.

De repente certo número de minúsculos sóis atômicos surgiram no espaço

eternamente vazio. Cada um desses sóis representava uma nave destruída. Todavia, não

se sabia de quem era a nave.

— Dezesseis! — disse Bell, que havia contado as nuvens atômicas.

Logo depois chegou uma mensagem de telecomunicação, na qual se informou a

destruição de todas as naves dos laurins. As naves terranas não haviam sofrido nenhuma

perda ou avaria.

— Nosso plano logo vai entrar numa nova fase — disse Rhodan.

Será que o início da nova fase estava sendo marcado pela mensagem simbólica que

estava sendo recebida naquele momento e começava a ser decifrada?

27

**3**

A Teodorico encontrava-se a cinco quilômetros da nave cúbica mais próxima. Os

cinco veículos fragmentários estavam cercados de todos os lados pelas naves esféricas. E

os potentes holofotes dos couraçados terranos iluminavam todas as suas faces.

As gigantescas torres de canhões de radiações da Teodorico, apontadas para a nave

pos-bi mais próxima, estavam prontas para disparar. Bastava um minúsculo sinal

positrônico para que os raios de vários metros de espessura caíssem sobre a nave

fragmentária.

Na sala dos mutantes estavam reunidos os telepatas e os teleportadores. Os

capacetes pressurizados de seus trajes voadores estavam fechados. John Marshall usou o

capacete de rádio para transmitir as últimas instruções. Gucky estava sentado num canto.

Parecia muito aborrecido e não exibia nem um pedacinho de seu dente-roedor. Não

respondia aos que lhe dirigiam a palavra. Recorreu à telepatia para comunicar a John

Marshall que estava com muita raiva.

Sentiu-se injustiçado, por ter sido deixado para trás.  
Recebera ordem para não entrar

em ação. E não conseguiu que Perry Rhodan lhe dissesse  
por quê.

Cada teleportador deveria levar três telepatas a uma  
nave fragmentária. Uma vez lá,

os telepatas deveriam verificar se a nave era amiga da  
vida biológica ou hostil à mesma,

ou então, se era uma nave de estrutura de comando  
instável, na qual às vezes

predominava a substância plasmática, e outras vezes o  
dispositivo hiperimpotrônico.

Marshall deu o sinal para o início dos saltos de  
teleportação. Perry Rhodan

acompanhou a operação pelo rádio.

Ras Tschubai, o africano, teleportou-se com Fellmer  
Lloyd, que era o telepata mais

importante, à nave fragmentária número dois. Chegaram  
em quatro ao centro de comando

do plasma, são e salvos. Os três mutantes  
imediatamente formaram um bloco mental,

enquanto Tschubai lhes dava cobertura com as pesadas  
armas portáteis.

Na sala de comando não se via nenhum dos feios robôs  
pos-bis. Quantidades

enormes de plasma estavam guardadas embaixo de seis abóbadas. Constituíam o

comando supremo. Até o momento em que Perry Rhodan e Atlan puseram fora de ação a

programação do ódio no Mundo dos Duzentos Sóis, havia um equilíbrio perfeito de

forças entre o centro de plasma e o dispositivo hiperimpotrônico, mas atualmente as

relações entre os dois centros de comando do mundo de plasma deviam ser bastante

instáveis. As coisas chegavam a tal ponto que, em quase todas as naves fragmentárias,

tripuladas por pos-bis, ora estes demonstravam disposições amistosas para com a vida

biológica, ora se mostravam hostis à mesma, conforme o comando fosse exercido pelo

plasma guardado nas abóbadas ou pelo comando hiperimpotrônico. Eram inimigos

mortais entre si. O exemplo mais flagrante desse estado de coisas era Frago, onde os pos-

bis lutaram uns contra os outros até destruir aquele mundo.

No curso da operação, os telepatas de Rhodan deveriam verificar se as cinco naves

cúbicas estavam em mãos do plasma celular amigo da vida biológica.

Tako Kakuta, que dirigiu-se à nave fragmentária número quatro com mais três

telepatas, foi o primeiro a voltar à Teodorico juntamente com sua equipe. Seu relato

apenas consistiu nestas palavras:

28

— Nenhum incidente.

O robólogo Moders e mais alguns colegas também ouviram as informações

prestadas pelos três telepatas. Nesse meio tempo, regressou o grupo comandado por Ras

Tschubai. Quando a última equipe se encontrava novamente a bordo da nave capitania,

não havia mais a menor dúvida de que os pos-bis e os comandantes feitos de

bio substância não representavam o menor perigo para os humanos.

Os especialistas em linguagem simbólica estavam redigindo a primeira mensagem

de rádio a ser expedida às naves fragmentárias. Rhodan realçara que, em hipótese

alguma, se poderia permitir que houvesse qualquer mal-entendido com o plasma.

A bordo da Teodorico três mil homens estavam preparados para entrar em ação.

Formavam o maior comando especial de toda a história da nave capitania. Os homens

havam sido treinados para a tarefa por meio de uma série ininterrupta de ações. A

indústria terrana e arcônida havia criado aparelhos especiais, experimentara-os,

abandonara certos modelos e iniciara a produção em série de outros.

A diretiva era esta: não levar nenhum robô.

Rhodan e Atlan receavam que a eliminação da programação do ódio no Mundo dos

Duzentos Sóis desencadeara uma série de acontecimentos que nem sequer haviam sido

considerados pelos construtores de Mecânica. Sua intenção fora transformar o centro de

plasma num amigo da Humanidade, mas provavelmente sua atuação enfraquecera o

plasma e sem querer fortalecera o dispositivo hiperimpotrônico. Mas não conseguiam

compreender o motivo por que haviam surgido esses efeitos.

Também não se sabia dizer se os pos-bis, que continuavam ativos no Mundo dos

Duzentos Sóis, ainda veriam nos robôs dos terranos manifestações da verdadeira vida.



Por isso preferira-se não levar as máquinas de guerra que obedeciam a um comando

positrônico.

A nave fragmentária número um parecia conduzir a frota. Seu hipertransmissor já

havia irradiado a resposta, enquanto a mensagem dos terranos ainda estava sendo

transmitida.

Disse que concordava em acolher o comando terrano, juntamente com os dois

cruzadores da classe Cidade e trinta jatos espaciais. A mensagem simbólica concluiu com

um pedido enfático de ajudar o interior, que se encontrava em situação muito difícil e

estava próximo ao esgotamento total.

Os simbolistas de Rhodan começaram a transpirar. Deveriam redigir em poucos

minutos a resposta à mensagem do comandante de plasma. E essa resposta deveria incluir

o pedido de abrir as eclusas para receber as espaçonaves e os jatos espaciais.

— Estou curioso para ver o resultado.

Bell não conseguiu resistir ao desejo de proferir estas palavras.

Será que havia alguém que não estivesse?

A gigantesca tela de visão global mostrou a bizarra face frontal da nave fragmentária

número um. O pedido de abrir as comportas já devia ter chegado lá.

— Meu Deus! — exclamou Atlan em tom de espanto quando alguma coisa se abriu

na nave fragmentária. A abertura foi crescendo cada vez mais. — Ali pode entrar uma

nave de quinhentos metros!

Atlan não estava exagerando.

Nenhum olho humano jamais havia visto uma eclusa desse tamanho numa

espaçonave. As outras quatro naves cúbicas também mostraram as gigantescas comportas

abertas. Os holofotes das naves terranas iluminaram os pavilhões escuros e puseram à

29

mostra compartimentos de carga que bem poderiam ser designados como enormes

catedrais.

Perry Rhodan e Reginald Bell entreolharam-se.

— Tudo em ordem, gorducho. Assim que conhecer a posição do Mundo dos

Duzentos Sóis, você nos seguirá com as naves. A viagem será realizada pela forma que

combinamos, aconteça o que acontecer.

— Não se preocupe, Perry. Cuidem bem de vocês. Não quer levar mais uma

espaçonave? Essas caixas espaciais têm espaço de sobra.

— Já pensei nisso, mas resolvi não levar outra nave. Mais alguma coisa, gorducho?

— Tudo bem!

— Até a vista... no Mundo dos Duzentos Sóis!

— Até lá...

Atlan limitou-se a cumprimentá-lo com um aceno de cabeça. Bell viu os dois

homens mais poderosos da Galáxia saírem da sala de comando.

Mais uma vez tudo estava em jogo. Pretendia-se fazer com que o centro de plasma

se transformasse num amigo da Humanidade da Via Láctea, a fim de dominar, com seu

auxílio, o perigo dos laurins.

Os terranos deixaram de usar três das cinco naves dos pos-bis. Tudo podia ser

acomodado facilmente em duas naves fragmentárias.

Rhodan avisou pelo mini comunicador que chegara bem com a X-I. O segundo

cruzador, que se encontrava no enorme hangar da nave fragmentária número dois,

constituía uma exceção no que dizia respeito à designação. Ao contrário das outras três

mil espaçonaves, tinha um nome: Gauss. E esse nome revelava a tarefa que deveria

cumprir...

Breves mensagens de rádio foram trocadas. Bell informou que, dentro em breve,

voltariam a entrar em contato com o comandante de plasma do número um, ao qual seria

enviada uma longa mensagem simbólica. Estacou em meio à frase.

Rhodan e Atlan, que se encontravam na pequena sala de comando da X-I,

desconfiaram de que alguma desgraça tivesse acontecido. Todos os aparelhos de

rastreamento da X-I estavam ligados. Restava saber se funcionariam perfeitamente no

hangar em forma de catedral. De repente alguém disse às suas costas:

— Se isso não foi alguma localização estrutural, então não sei de mais nada.

O arcônida virou-se apressadamente para o homem que acabara de dizer essas palavras.

— O senhor realmente constatou...?

Foi interrompido pela voz de Reginald Bell, transmitida pelo intercomunicador.

— Bell chamando a frota. Rechaçar as naves pos-bis que se aproximam para a

coordenada amarela. Se houver resistência, ou se abrirem fogo de radiações, atirem com

todas as armas.

Naquele momento Atlan e Rhodan sentiram-se como prisioneiros.

Nem por um instante Bell conseguiu deixar de pensar no comando de três mil

homens que se encontrava a bordo das duas naves dos pos-bis. De repente viu na tela

onze caixas espaciais e pôde observar sua rota.

— O que acha, Jefe?

Depois de hesitar um pouco o epsalense falou:

30

— Não vejo nada de bom. As cinco naves fragmentárias com que entramos em

contato nem aludiram ao fato de que outras naves do Mundo dos Duzentos Sóis estão a

caminho... Olhe! Estão atirando!

Da C-100, na qual se encontrava o comandante da esquadrilha C, veio uma

informação:

— As naves pos-bis que nos atacam não possuem campo relativista. Cada uma delas

está sendo atacada por oitenta unidades nossas.

— Nesse caso não vai sobrar muita coisa deles — disse Bell.

Perry Rhodan colocou de prontidão todos os telepatas e teleportadores disponíveis

na X-I.

— Saltem para a sala de comando. Tentem...

Foi interrompido pelo chamado de Bell.

— Os mutantes da esquadrilha C constataram que as naves pos-bis que se

aproximam são hostis à vida biológica. Não perceberam o menor sinal de um impulso

sentimental plasmático. Ao que parece, as naves obedecem ao comando

hiperimpotrônico.

Cerca de novecentas naves terranas de tipo especial precipitaram-se sobre os onze

cubos, que abriram fogo com os perigosos raios conversores. Acontece que as naves

fragmentárias pertencentes à raça dos pos-bis, que eram quase indestrutíveis enquanto

protegidas pelos campos relativistas, naquele momento se haviam tornado extremamente

vulneráveis. Nenhuma das naves parecia estar em condições de gerar um campo

relativista. Os instrumentos dos terranos não registraram o menor sinal do mesmo.

Sob o fogo concentrado de novecentos cruzadores, os gigantescos cubos espaciais

desfizeram-se em nuvens incandescentes, cuja luminosidade se tornava cada vez menos

intensa, enquanto se espalhavam para todos os lados.

A luta durou mais de trinta minutos. Cinco naves esféricas terranas, atingidas pelo

fogo inimigo, anunciaram sua saída e tentaram chegar sem auxílio à distante Via Láctea.

Bell voltou a chamar pelo rádio.

— O plasma da número um informa que os levará ao verdadeiro interior. Parece que

a coisa vai começar.

No mesmo instante, as comportas das cinco naves fragmentárias fecharam-se com

um ruído ensurdecedor.

— Parece que a viagem vai ser muito promissora — disse Atlan numa observação

cheia de intenções...

No mesmo instante os neutralizadores de pressão da X-I entraram em

funcionamento. A nave cúbica estava acelerando.

\* \* \*

Os três mil homens pertencentes ao grande corpo expedicionário, alojados em duas

naves dos pos-bis, não estavam inclinados a inspecionar os gigantescos hangares das

naves que os haviam acolhido. Todos eles se achavam preparados para algum tipo de

surpresa. A história das experiências pelas quais Atlan passara numa nave robotizada, que

voou de Frago à Terra quando os laurins desenvolviam sua ação selvagem em nosso

planeta, era conhecida em toda a Galáxia. Dizia-se que as naves cúbicas não possuíam

neutralizadores de pressão, e que suas transições eram acompanhadas por grandes



sofrimentos físicos.

Todos se sentiam muito tensos enquanto esperavam a primeira transição.

31

Mas a mesma não ocorreu. A desmaterialização não se verificou. Rhodan e Atlan

começaram a desconfiar da aparelhagem da X-I. Todos os cientistas em hiperespaço,

todos os entendidos na mecânica das transições, aqueles que dominavam a Matemática,

foram convocados para a pequena sala de comando.

Mais uma vez Rhodan apresentou uma tarefa quase impossível aos homens.

Conceitos abstratos foram emitidos.

Uma discussão acalorada foi travada pelos entendidos. Lançou-se mão das velhas

teorias do campo de Einstein, bastante ampliadas. O Dr. Plumon soltou uma gargalhada e

disse:

— Isso nunca serviu para explicar as partículas elementares ou os campos

eletromagnéticos. O que adianta falar nesse ponto?

Jak Kingsten, um geometrodinâmico, respondeu com a voz zangada:

— O senhor não compreendeu o que eu quis dizer, colega. O ponto de partida de

minha exposição foram as teorias dos campos, mas meu raciocínio não se baseou nas

mesmas.

A discussão era cada vez mais apaixonada. Rhodan sorriu, pois sabia perfeitamente

que, apesar de tudo, o problema seria resolvido num trabalho de equipe.

E foi exatamente o que aconteceu.

O geometrodinâmico Kingsten foi o porta-voz do grupo.

Resumiu sua exposição:

— Os pos-bis nos estão mostrando um novo tipo de vôo pelo hiperespaço. Utilizam

as curvaturas modificáveis no tempo de um mundo espaço-temporal que em si é vazio.

Provavelmente, no momento, a nave fragmentária se desloca entre duas saliências,

atravessando a variável com aproveitamento das linhas de força, que, numa extremidade,

têm carga positiva e, na outra, carga negativa. Se as duas saliências entram em contato

nas extremidades superiores, surge um vazio no mundo espaço-temporal, que por isso

mesmo recebe outra curvatura cuja dimensão no momento não pode ser determinada.

“E esse elemento momentâneo produz um deslocamento da nave. Dali se conclui

que os pos-bis dominam perfeitamente a geometrodinâmica, enquanto nós ainda estamos

labutando com fenômenos inexplicáveis. Os senhores concordam com o que acabo de

dizer, colegas?”

Concordaram.

A discussão dos geometrodinâmicos fez com que Atlan se lembrasse da evolução de

seu povo. Recostou-se na poltrona anatômica e fitou Perry Rhodan. Este sentiu que Atlan

queria dizer-lhe alguma coisa.

— O que é? — perguntou.

— Há três mil e quinhentos anos meu povo arquivou a geometrodinâmica — disse

Atlan, em tom pensativo. — Muita coisa deixou de ser completada na fase de decadência.

Bloqueamos nosso caminho para o futuro.

— Isso é obra do destino, Atlan — disse Rhodan.

— O destino não pode servir de desculpa. Nem sequer constitui uma explicação

válida. O fato é que os arcônidas falharam perante a História — disse Atlan, amargurado.

Rhodan estacou. Mas logo respondeu.

— Não concordo com a afirmativa de que seu povo tenha falhado perante a História,

almirante. Se o destino confiou aos arcônidas a tarefa de abrir caminho para outras raças,

neste caso os arcônidas cumpriram sua missão.

Atlan levantou-se e fitou Rhodan em cheio.

32

— Nunca encarei a evolução de meu povo sob este ponto de vista. Barfur, é graças a

ocê que posso orgulhar-me novamente de minha origem arcônida...

Um brilho estranho surgiu em seus olhos. Retirou-se apressadamente da sala de

comando. Naquele momento Rhodan compreendeu que sua observação provocara uma

forte comoção interna no arcônida.

Nesse meio tempo, o franzino Tako Kakuta havia realizado por conta própria alguns

saltos para diversos compartimentos da nave fragmentária. De repente surgiu diante de

Rhodan em meio a um tremeluzir. Abriu o capacete e soltou um suspiro de alívio.

— O senhor deveria ouvir o barulho infernal no interior da nave cúbica, chefe —

disse. — Não consigo livrar-me da impressão de que esta caixa é uma gigantesca

caldeira, cuja válvula reguladora está entupida. Receio que tudo vá pelos ares.

Rhodan fitou o japonês com uma expressão pensativa. Tako Kakuta nunca

soltara observações que a um exame mais atento se mostrassem sem fundamento.

— Onde esteve. Tako?

— Onde, chefe? — repetiu Tako bastante abatido por não estar em condições de dar

uma resposta precisa a esta pergunta. — Acho que estive no centro de máquinas. Mesmo

com os microfones externos desligados, as ondas sonoras me atingiram com a força de

uma tormenta. Nunca passei por uma experiência igual a esta.

Rhodan lembrou-se das experiências pelas quais Atlan passara ao ser levado de

Frago ao sistema solar com um grupo de cinco terranos. Naquela oportunidade os homens

também foram atingidos por uma insuportável cortina sonora. Mas, quando o volume dos

microfones foi reduzido, tornou-se suportável.

— Vou dar uma olhada nisso — Rhodan levantou-se, mandou que o imediato da X-I

tomasse seu lugar, fechou o capacete espacial e segurou os ombros do teleportador. No

mesmo instante, os dois desapareceram.

No segundo que se seguiu à rematerialização, Rhodan cambaleou.

— Meu Deus! — gritou e desligou os microfones externos.

Tako Kakuta não exagerara. As misteriosas máquinas dos pos-bis realmente

ameaçavam explodir. O barulho infernal não poderia ser mais intenso.

Rhodan fez um sinal para o teleportador. Kakuta saltou com o administrador da

gigantesca sala de máquinas com seus conjuntos bizarros e revirados. Dali a pouco, os

dois apareceram na sala de comando da X-I.

Rhodan transmitiu um aviso pelo sistema de intercomunicação:

— Preciso imediatamente de alguns especialistas capazes de formar um juízo sobre

os propulsores dos pos-bis.

Quinze minutos depois, doze homens estavam prontos para entrar em ação. Kakuta

e Ras Tschubai usaram a teleportação para transportá-los. Rhodan acompanhou o salto.

Viu os rostos apavorados dos cientistas. Os instrumentos montados e ligados pelos

mesmos foram empurrados nervosamente de um lado para outro. Um medo inexplicável

pareciam impulsioná-los, enquanto trabalhavam nos aparelhos.

— Calma, senhores! Por aqui não nos poderá acontecer nada que não aconteça

também aos homens que se encontram na X-1 e nos jatos espaciais.

Estas palavras eram um consolo muito débil, mas apesar disso as palavras de

Rhodan não deixaram de produzir seu efeito.

Os primeiros resultados foram obtidos. Alguns ponteiros subiram vertiginosamente

pelos escalas, bateram no obstáculo superior e entortaram-se. Resistências arcônidas

foram incluídas nos circuitos e as regulagens foram modificadas. Realizaram-se novas

modificações. “*O caldo ainda era muito grosso*”, segundo diziam os especialistas.

Realizou-se mais uma série de medições.

Rhodan ouviu por várias vezes as seguintes frases transmitidas pelo rádio de

capacete:

— Isso não pode estar certo. Nem mesmo uma máquina pos-bi agüentaria. Todas

elas estão submetidas a uma sobrecarga de trezentos a quinhentos por cento.

Depois de dez minutos, o barulho tornou-se insuportável. Todos mostravam sinais

de cansaço. Rhodan deu sinal para o salto de regresso. Quando se encontravam

novamente na pequena sala de comando, alguns cientistas soltaram suspiros de alívio.

Rhodan deixou que se recuperassem. Finalmente apresentaram o relatório.

A opinião dos especialistas era unânime. As máquinas da nave dos pos-bis estavam

sendo submetidas a uma grande sobrecarga.

Os geometrodinâmicos ainda se encontravam na sala de comando. Acompanharam

atentamente a exposição. Jak Kingsten pediu a palavra.



— Isso não é de admirar, chefe. Um vôo através de uma curvatura modificável no

tempo exige uma quantidade adicional X de energia. E nossa tecnologia ainda não está

em condições de gerar essa energia X, por maior que seja o conjunto de máquinas

utilizado.

Rhodan fitou o cientista com uma expressão de incredulidade.

— Isso não é uma brincadeira, mister Kingsten?

Kingsten estremeceu levemente e disse:

— Nem penso em fazer brincadeiras, sir. No momento não estamos em condições de

fazê-lo.

— Em outras palavras, Kingsten, os maquinismos geradores de energia dos pos-bis

são menores, mas mais potentes que os nossos. Não é isso?

— Certo. Mas sua potência ainda não basta para que possam atravessar o campo de

curvatura sem sofrer avarias.

Os olhos de Rhodan iluminaram-se.

— Isso me deixa um pouco mais tranqüilo. Vamos fazer votos de que nossa nave

fragmentária não vá pelos ares durante o vôo para o Mundo dos Duzentos Sóis.

\* \* \*

As naves fragmentárias saíram do espaço dobrado sobre si mesmo com suas

curvaturas variáveis no tempo, sem mostrar o menor sinal de transição ou graduação. De

repente os mostradores dos velocímetros graduados em anos-luz, que haviam

permanecido imóveis por tanto tempo, deram um salto.

Rhodan viu que a velocidade baixava lenta mas seguramente. Há pouco as naves

cúbicas desenvolviam oitenta e cinco por cento da velocidade da luz, e agora só se

deslocavam a setenta e seis por cento dessa velocidade. Rhodan deu o alarma. Já se

tornara possível novamente comunicar-se com a segunda nave dos pos-bis, onde estava

abrigada a outra metade do corpo expedicionário com a nave Gauss e vários jatos

espaciais. Seu alarma fez com que os homens que se encontravam por lá também

corressem para seus postos.

Ao atingir trinta e cinco por cento da velocidade da luz, a gigantesca eclusa do

hangar abriu-se. Isso não produziu nenhuma alteração no quadro ótico. Foi pelos

instrumentos da X-1 que Rhodan concluiu que as objetivas de televisão da nave esférica

só atingiam a escuridão eterna do vazio intergaláctico.

34

A nave cúbica parecia ter feito um giro. Do lado direito, o negrume foi substituído

por uma débil luminosidade, que parecia caminhar na direção do centro de abertura da

comporta. Do lado direito, esta não era redonda, nem possuía outra forma geométrica

definida. Essa parte poderia ser comparada com o rombo de uma lata de conserva que se

abrisse em ziguezague, em virtude de uma violenta explosão.

Aquilo era uma obra do pragmatismo dos robôs. Mas nem mesmo Van Moders

compreendeu a finalidade daquilo.

O alarma desencadeado por Rhodan fez com que Atlan corresse para a sala de

comando e sentasse a seu lado. Segurou o braço de Rhodan.

— Chegamos, bárbaro!

A nave encontra-se sobre o Mundo dos Duzentos Sóis.

Mal acabou de proferir estas palavras, um dos duzentos sóis atômicos que se

encontravam a uma distância de 100 mil quilômetros do equador do planeta entrou no

campo de visão.

Depois de um breve aquecimento, os motores a jato da X-I foram regulados para a

decolagem rápida e postos a funcionar em ponto morto. Uma luz verde acendeu-se no

painel de instrumentos. Depois, outras. Os chefes de grupo dos comandos a serem

transportados nos jatos espaciais foram comunicando seu estado de prontidão. A Gauss,

que se encontrava no interior da outra nave fragmentária, transmitiu o aviso em nome de

todas as unidades que se achavam no gigantesco hangar.

Rhodan transmitiu uma advertência.

— Durante a tentativa de pousar no Mundo dos Duzentos Sóis deveremos contar

com um poderoso fogo defensivo dos robôs hostis à vida biológica. Desviem-se desse

fogo, sempre que isso seja possível. Só atirem numa situação de extrema emergência.

Nesse momento, os telepatas chefiados por John Marshall entraram em contato com

Rhodan. A mensagem comoveu Perry, embora já tivesse sido informado por meio de

algumas mensagens simbólicas que o centro de plasma, bastante debilitado, travava uma

luta de vida ou morte com o cérebro hiperimpotônico.

Os telepatas disseram que tinham ouvido o cérebro de plasma choramingar.

Rhodan agiu imediatamente. Eventuais perguntas a serem dirigidas a Marshall

poderiam ficar para depois. Inclinou-se em direção ao microfone.

— O chefe chamando todos os comandantes. A ordem de entrar em ação é revogada.

Permaneceremos no interior das naves fragmentárias até que estas pousem no Mundo dos

Duzentos Sóis. Fim da mensagem.

Empurrou o microfone para o lado, virou a cabeça e perguntou:

— O conversor de símbolos está pronto para entrar em funcionamento?

— Tudo preparado, sir.

Rhodan achou que o ambiente da sala de comando era muito barulhento.

— Quem não tem nada a fazer por aqui, dê o fora.

Mais de dez homens saíram apressadamente da sala de comando. O silêncio

costumeiro voltou a reinar.

— Irradiar a mensagem simbólica já preparada, dirigida ao centro de plasma.

Quero ser informado sobre tudo que acontecer.

Uma tremenda tensão espalhou-se por todos os cantos da X-I. Até mesmo os

homens de mais sangue-frio perceberam que tinham nervos.

A mensagem simbólica dirigida ao centro de plasma foi irradiada, mas este não

respondeu.

35

— Lá embaixo deve reinar o caos — disse Atlan, em tom sarcástico.

— Atlan — respondeu Rhodan — não consigo livrar-me da impressão de que fomos

nós dois que demos origem a este caos, a esta luta entre o plasma e o cérebro

hiperimpotônico, ao paralisarmos a programação do ódio. Moders...

— Não me fale em seu Moders, bárbaro. Quando o ouço falar, às vezes tenho a

impressão de que cresceu com os pos-bis. E, quando expõe suas idéias, fico com dor de

cabeça. Sempre tenho de fazer um grande esforço para acompanhar seu raciocínio. Para

ele, os complicados circuitos hiperimpotrônicos parecem ser a mesma coisa que o sistema

nervoso central de um homem é para os médicos terranos.

— O gênio sempre representa uma carga para o ambiente em que vive, arcônida.

Você conheceu Leonardo da Vinci. Levou meses conversando com ele. Lembro-me de

que certa vez você me disse que, à medida que os contatos se tornavam mais intensos,

estes assustavam-no cada vez mais. Às vezes, até desconfiava de que ele soubesse que

você não era um ser humano, mas uma criatura vinda de outra estrela. Então, almirante?

Faça o favor de estabelecer a comparação.

O arcônida balançou a cabeça.

— Moders muitas vezes representa uma carga para mim. É verdade que Leonardo

da Vinci também foi. Invejo sua capacidade de encontrar, no momento adequado, os

exemplos apropriados para estabelecer suas comparações. Mas não sei o que acontecerá,

Perry, se um dia Moders partir de um pressuposto totalmente errôneo e nós agirmos com

base no mesmo, fazendo com que o plasma e a hiperimpotróica se transformem em

nossos inimigos. Talvez os obriguemos a formar uma aliança com os laurins.

— Você acha que isso poderá acontecer por termos posto fora de ação a

programação do ódio?

— Isso mesmo. Você não acha que com isso praticamos uma intervenção ilícita?

Será que não destruimos uma das características dos pos-bis?

— Moders não pensa assim, arcônida. Atlan fez um gesto de desânimo.

— Desisto.

A palestra sofreu uma interrupção. A nave fragmentária em que estavam viajando

teve de descrever uma curva fechada.

Do lugar em que se encontravam viram o Mundo dos Duzentos Sóis.



Era um quadro incomparável!

O planeta se parecia com Saturno II, com a diferença de que a visão era muito mais

arrebatadora.

Duzentos sóis, dos quais pelo menos a metade era visível, cercavam o planeta que

nem a nebulosa de Saturno, numa altura de 100 mil quilômetros, bem em cima do

equador. A nave dos pos-bis aproximou-se do planeta, descendo em direção ao anel

luminoso. Do lugar em que se encontravam, todos notavam que os sóis, cujos diâmetros

não ultrapassavam duzentos metros, ficavam deslocados de um lado e de outro da linha

equatorial, que nem os dentes de uma serra. Sua luz abrangia todo o espectro visível, mas

a luminosidade de cada sol diferia da dos outros.

Eram sóis artificiais!

Representavam fontes de luz no negrume do espaço vazio. E essa luz conservava a

vida do centro de plasma.

Essa maravilha fora criada por robôs, por seres mecânicos.

Em todos os compartimentos dos dois cruzadores terranos e em cada um dos jatos

espaciais, os homens estavam sentados diante das telas e contemplavam o quadro

colorido.

No entanto, aquele quadro maravilhoso era apenas uma ilusão. No planeta reinava o

caos; os cérebros de plasma choramingavam no interior das gigantescas esferas, pois, mal

e mal, estavam em condições de continuar a resistir à hiperimpotrônica.

O centro de plasma ainda não havia respondido aos chamados! O contato que os

telepatas tinham estabelecido fora interrompido. Será que já estava tão debilitado que

suas emanções parapsicológicas não mais podiam ser captadas?

Rhodan notou que as três naves fragmentárias sem carga que os acompanhavam

permaneciam nas proximidades das outras duas cúbicas. Ao que parecia, pretendiam

protegê-los.

— Atenção, chamando todos. Fechem os capacetes espaciais.

Três mil capacetes de visão global saltaram para dentro dos suportes.

As naves fragmentárias descreveram uma curva em torno do círculo brilhante

formado pelos sóis e voltaram à rota antiga. O Mundo dos Duzentos Sóis parecia subir

velozmente na direção em que se encontravam.

O planeta levava trinta e duas horas e três minutos para descrever um movimento de

rotação em torno do próprio eixo. Em sua superfície não havia a alternância de dia e

noite. Só nos pólos livres de gelo havia um leve crepúsculo. Durante sua permanência

forçada no mundo dos robôs.

Rhodan e Atlan haviam enfrentando temperaturas médias bastante elevadas. A

média chegava a vinte e três graus centígrados.

Viam-se dois dos três grandes continentes.

As naves fragmentárias precipitavam-se sobre seu planeta de origem, o altímetro da

X-I indicou 43 mil quilômetros. O Mundo dos Duzentos Sóis parecia inchar que nem um

balão no qual o gás está sendo injetado a grande velocidade. O negrume do espaço vazio

que separa as duas galáxias foi recuando. Todos se sentiam mal diante da idéia de

encontrar-se num mundo inundado de luz, e de estar ao mesmo tempo na escuridão do

espaço intergaláctico.

— Por que será que os robôs abriram a comporta? — perguntou Rhodan, dirigindo-

se ao arcônida.

— Há muito tempo estou refletindo sobre isso, bárbaro. O que acontecerá quando,

ao penetrarmos nas camadas mais densas da atmosfera, houver o movimento de sucção?

Os jatos espaciais serão arrastados para fora como se fossem folhas secas. Como estão os

campos relativistas?

— Não se nota o menor sinal dos mesmos. Isso me deixa assustado. Tenho a

impressão de que o vôo sem a proteção do envoltório energético representa um

verdadeiro suicídio. Bem que gostaria de saber por que, de repente, todas as naves

fragmentárias passaram a voar sem os campos defensivos.

— Até parece que você se interessa muito mais por esses campos que pelos raios

conversores — disse o arcônida, em tom irônico.

— Com toda razão, almirante. Não acuamos nem mesmo uma teoria capaz de

explicar um campo relativista capaz de provocar um deslocamento de até dez horas no

futuro, e que assim torna invisível a nave que se encontra em seu interior. Por isso mesmo

não consigo compreender por que, de repente, esses campos deixam de ser criados.

37

O altímetro indicou a marca dos 14.500 quilômetros. As naves fragmentárias

planavam quase na vertical e seguiam exatamente no rumo oeste. Embaixo deles o

Mundo dos Duzentos Sóis parecia girar cada vez mais rapidamente. O terceiro continente

surgiu diante de seus olhos. As gigantescas vagas tangidas pela tormenta quebravam-se

contra a costa íngreme de mais de dois mil metros de altura. O excelente sistema de

ampliação do sistema televisor permitia que, no interior da X-I, se reconhecessem todos

os detalhes. Para o interior, a montanha ia descaindo e transformava-se numa planície

cortada por rios e dividida por gigantescas florestas. Bem longe, os contornos de uma

grande cadeia de montanhas surgiram em meio ao azul.

— Falta pouco para chegarmos — disse o arcônida, que acabara de reconhecer o

continente em que já haviam estado.

As boas-vindas foram típicas da hiperimpotrônica!...

De repente uma grade de radiações surgiu no espaço. Vinha do continente ao qual se

dirigiam.

Eram raios conversores dos pos-bis disparados pelas fortificações robotizadas e

controlados pelo cérebro hiperimpotrônico.

— Estamos numa armadilha! — gritou Atlan, exaltado.

No mesmo instante, a gigantesca escotilha do hangar em que se encontravam

fechou-se. Ao que parecia, a nave fragmentária realizara uma mudança rápida de rumo.

Os homens só podiam fazer suposições.

— Sir, ainda não recebemos resposta do centro de plasma — informou o setor de

rádio pela quarta vez.

Rhodan lançou mão de suas faculdades telepáticas pouco acentuadas para entrar em

contato com John Marshall.

— John, como estão os contatos com o centro de plasma?

— A duração de nossos “encontros” telepáticos é de apenas alguns segundos. Os

impulsos que conseguimos captar levam-nos a recear o pior. Suas características

principais são o medo, a angústia, a fraqueza. A biossubstância sabe que estamos

chegando mas, ao que parece, não está em condições de tomar qualquer iniciativa.

Rhodan transmitiu ao arcônida a informação que acabara de receber de Marshall.

— Em compensação a ação do cérebro hiperimpotrônico é muito energética —

constatou Atlan, contrariado. — Como estarão as coisas lá fora?

Rhodan preferiu ficar calado. De qualquer maneira, não poderiam fazer nada. O

hangar em forma de catedral transformara-se numa prisão.

De repente, a gigantesca comporta abriu-se. A luz dos numerosos sóis penetrou no

compartimento de carga. A nave cúbica cruzara sobre o continente, a alguns quilômetros

de altura. Não se via o menor sinal de fogo de radiações.

— Sir — disse alguém que se encontrava na sala de rádio da X-1 — o plasma está

transmitindo com uma potência muito fraca.

No mesmo instante, Rhodan recebeu a mensagem telepática de Marshall:

— Acabo de estabelecer contato com o centro de plasma. Nossos paraimpulsos

procuram exercer um efeito estimulante sobre o plasma.

O conversor de símbolos já havia concluído a tradução da mensagem de hiper-rádio

das massas de plasma. Rhodan pegou as folhas de plástico e leu-as juntamente com Atlan.

Estava cheio de maus pressentimentos.

Uma vez concluída a leitura, os dois olharam para fora. A nave fragmentária na qual

se encontravam dispôs-se a pousar. Rhodan inclinou-se em direção ao microfone.

38

— Preparem-se para uma saída-relâmpago — disse. — Temos de contar com a



possibilidade de que a qualquer momento o cérebro hiperimpotônico assumira o comando

geral. Devemos estar preparados para atos hostis dos pos-bis.

Quando o gigantesco cubo tocou o solo, foi sacudido por um ligeiro solavanco. No

mesmo instante, a nave esférica X-I, de cem metros de diâmetro, ergueu-se no interior do

gigantesco compartimento de carga e flutuou em direção à comporta. Bastaria que o

oficial do centro de controle de tiro calcasse o botão vermelho para que as torres de

canhões da nave espalhassem a destruição. A X-I foi se aproximando ininterruptamente

da grande abertura, entrecortada nas bordas. O campo de visão dos homens da sala de

comando crescia cada vez mais.

A manobra de saída no Mundo dos Duzentos Sóis estava sendo iniciada.

39

**4**

A Gauss foi saindo da nave fragmentária número dois. Assim que ultrapassou a

comporta de carga, a nave subiu com uma aceleração incrível e desapareceu no céu

ligeiramente nublado, em direção ao anel formado pelos sóis.

Se uma decolagem desse tipo fosse realizada na Terra, a mesma daria origem a

severas medidas punitivas do quartel-general da Frota. Já iam longe os tempos em que

Bell realizava decolagens e pousos de emergência, fazendo estremecer metade da cidade

de Terrânia. Mas aqui o Major Hal Mentor agia rigorosamente em conformidade com as

ordens recebidas.

Os jatos-propulsores foram forçados ao máximo de sua capacidade. No interior da

pequena nave, os neutralizadores de pressão bramiram. Os velocímetros dançavam em

direção a marcas cada vez mais elevadas. Quando se encontrava uns dez mil quilômetros

ao sul do anel dos sóis, a Gauss ultrapassou o limite dos 100 mil quilômetros. Pouco

depois entrou no semi-espaço, atravessou a zona de libração num veloz vôo linear e

retornou ao espaço normal a uma distância de um ano-luz.

O comando a bordo da nave estava sendo exercido pelos cosmonautas. A distância

que separava a nave do Mundo dos Duzentos Sóis foi determinada com a maior precisão.

A Gauss encontrava-se longe demais. Aproximou-se três minutos-luz do planeta dos sóis

artificiais, que se tornara quase invisível em meio à escuridão, muito embora a ampliação

tivesse sido regulada para o máximo.

— A Gauss está na distância exata.

O Major Mentor virou a cabeça e fitou Luigi Telarini. O especialista de rádio

italiano ocupava um lugar na sala de comando. A Gauss era diferente de qualquer outra

nave da frota terrana ou arcônida. A nave de cem metros de diâmetro era uma gigantesca

estação de rádio. Nem mesmo as naves da classe Império possuíam os equipamentos de

hiper-rádio, goniometria e localização que se encontravam a bordo da Gauss.

— Hu-Tung! — gritou Telarini.

Atrás dele, um homem de traços tipicamente mongolóides levantou a cabeça.

— O instrumento de ultra precisão está funcionando.

Telarini concentrou-se no seu trabalho. A tarefa que lhe fora confiada envolvia uma

grande responsabilidade. Os hipertransmissores da Gauss deviam enviar impulsos

inalteráveis para a Via Láctea e para as três mil unidades do destacamento especial que se

mantinham à espera nas proximidades de Frago. Tanto as estações de radiogoniometria

do tipo Globus, como a frota que se mantinha de prontidão para partir a qualquer

momento, conheciam o volume energético da transmissão. Os aparelhos de ultra precisão

permitiam às estações receptoras medir o percentual de perda de energia que as ondas de

hiper-rádio haviam sofrido no percurso. Ao mesmo tempo estavam em condições de

ajustar os aparelhos e fazer com que os computadores positrônicos calculassem a

distância que separava o Mundo dos Duzentos Sóis dos limites da Galáxia.

A operação de ajuste dos aparelhos de ultra precisão assumia uma importância

extraordinária. Se fosse bem-sucedida, no futuro se poderia determinar, por meio de um

estudo comparativo da intensidade dos hiperimpulsos recebidos, qual era a profundidade

espacial da qual vinham as ondas, uma vez conhecida a intensidade de saída.

O maior hipertransmissor construído por seres humanos começou a funcionar a

bordo da Gauss, mas suas antenas ainda não estavam irradiando em nenhuma faixa.

Numa manobra complicada a nave-rádio foi girada e parou na posição em que os setores

de F a P de sua superfície esférica ficavam voltados na direção da Via Láctea, que parecia

um disco gigantesco a flutuar no nada.

Esse trabalho consumiu três horas. Vez por outra, alguém soltava um gemido

abafado. Parecia que nada queria dar certo. Às vezes, a Gauss girava muito para a direita,

depois muito para a esquerda. De repente, a vertical ficou fora de prumo, e depois tornou-

se necessário voltar a chamar os cosmonautas, a fim de conferir mais uma vez a distância

que separava a nave do mundo do plasma.

— Até parece que somos os primeiros homens que atravessaram um açude num

tronco de árvore — disse um dos cosmonautas.

Luigi Telarini não deixou que isso o perturbasse. Constantemente mandava fazer

controles e medir a intensidade dos impulsos. De repente falou:

— Ah, temos um desvio de zero vírgula zero zero zero zero vinte e cinco por cento.

Hu-Tung confirmou e gritou:

— Já descobri o erro! O catodo L não suporta a carga a que está sendo submetido e

mostra um campo de disseminação na curva do seno!

— Onde? — perguntou Luigi Telarini, nervoso.

Novas medições foram realizadas. A quarta hora passou. Preocupado, o Major

Mentor perguntou a si mesmo como estariam as coisas no Mundo dos Duzentos Sóis.

Recebera ordens expressas de não usar o rádio e por isso não podia formular nenhuma

indagação a esse respeito.

Pouco antes do fim da quinta hora, os repetidos controles indicaram os mesmos

resultados. Os setores F a P da Gauss apontavam diretamente para a Galáxia distante. Por

enquanto nenhum ser humano sabia a que profundidade haviam penetrado no espaço

intergaláctico.

— Fazer a transmissão!

Foi o último comando. Hu-Tung moveu a chave. Os hipertransmissores

superpotentes da Gauss irradiaram o raio vetor.

Será que os satélites radiogoniométricos do tipo Globus, postados nos limites da Via

Láctea, seriam capazes de captá-lo? Será que as três mil naves do destacamento especial

estacionadas nas proximidades de Frago seriam capazes de recebê-lo e medi-lo com a

aparelhagem de precisão? Será que a supergigante Sosata o ouviria?

Houve um silêncio cheio de expectativa.

Dez minutos passaram-se.

Trinta minutos! Ainda não haviam recebido nenhuma resposta da Galáxia ou da

nave de Reginald Bell, estacionada nas proximidades de Frago. Será que os impulsos não

estavam sendo recebidos? Será que os pos-bis estavam transmitindo com aparelhos mais

potentes? Será que a teoria, segundo a qual os campos de tensão do espaço cósmico são

diferentes dos encontrados no espaço galáctico, era correta? Será que estes campos de

tensão impediriam que as ondas de hiper-rádio saíssem do hiperespaço?

Luigi Telarini enxugou o suor da testa. Se tivesse cometido algum erro, as três mil

naves já não poderiam mais segui-los, porque ninguém saberia onde ficava o Mundo dos

Duzentos Sóis.

Finalmente chegou a resposta!

41

A estação de radiogoniometria Globus 18 não se limitou a transmitir o sinal-

resposta. Marlengo, chefe do satélite, falou pelo hipercomunicador com a Gauss. O que

mais interessou Telarini na mensagem de Marlengo foi a indicação do volume de energia

com que as ondas de hiper-rádio haviam chegado aos seus receptores.

Reginald Bell, representante de Perry Rhodan, chamou por outra frequência. Disse

que o Mundo dos Duzentos Sóis não podia ficar muito longe. Também forneceu

indicações do volume energético.

A seguir, veio a resposta de Globus 17 e 16. As estações Globus estavam postadas

nos limites da Via Láctea, distando entre si cinco anos-luz. Hu-Tung já comparara os



dados.

— Sir, devemos estar numa profundidade tremenda do espaço vazio. Faça o favor de

examinar estes dados dos satélites. Não existe a menor divergência, nem mesmo na

última casa decimal depois da vírgula... Parece que o deslocamento lateral de cinco mil

anos-luz não produz o menor efeito.

Será que tinha razão? Luigi Telarini ainda não seria capaz de dizer. Introduziu todos

os dados no computador de bordo, juntamente com os resultados que haviam obtido por

meio do aparelho de precisão. Sabiam perfeitamente com que potência cada emissor

estava transmitindo, e por isso estavam em condições de escalonar os dados a partir da

base zero.

A partir da base zero! Isso significava que se admitia que todos os transmissores

funcionavam com a mesma potência.

— O que está fazendo, Hu-Tung? — perguntou Telarini, inclinando-se para a frente.

— Estou ajustando nosso aparelho. Posteriormente poderemos fazer as correções

que se tornarem necessárias. Existe uma circunstância que nos favorece. Dispomos de

dois pontos de referência bem distantes um do outro: os satélites e a frota estacionada nas

proximidades de Frago. Estou inclinado a afirmar que o Mundo dos Duzentos Sóis fica a

trezentos mil anos-luz da Galáxia...

— Não fica mais longe? — perguntou Telarini.

Os homens que se encontravam na sala de comando estremeeceram.

— Trezentos mil anos-luz? — repetiu o Major Hal Mentor, e adiantou-se um passo.

Nesse momento, o computador positrônico expeliu a fita perfurada. O Major Mentor

estendeu a mão e pegou-a. Mais de uma dezena de pessoas o fitavam. Viram-no

empalidecer. Encarou o mongol como se fosse uma das sete maravilhas do mundo:

— Como foi que o senhor soube, Hu-Tung?

Hu-Tung respondeu prontamente:

— Deduzi isso das perdas de potência, major. Será que cometi um erro muito

grande?

Naquele mesmo instante, Bell, que se encontrava a bordo da nave capitania

Teodorico, dirigiu-se a Jefe Claudrin:

— O chefe encontra-se no espaço vazio, a uma distância de 289.412 anos-luz da

Galáxia. A Gauss está um ano-luz mais próxima.

E, a bordo da Gauss, o Major Mentor segurava a fita perfurada com os sinais

codificados e leu a mesma cifra, menos um ano-luz: 289.411.

\* \* \*

As tradutoras da X-I trabalhavam ininterruptamente. O contato de rádio com o

centro de plasma tornava-se melhor a cada minuto que passava, enquanto a nave esférica

42

sobrevoava os continentes, em direção ao lugar em que cerca de oitenta abóbadas

agrupadas de forma irregular se erguiam até a altura de duzentos metros acima do solo.

Assim que o sistema de ampliação tornou visíveis as abóbadas notou-se que estas

não apresentavam avarias aparentes à primeira vista. Os dois dirigentes soltaram um

suspiro de alívio.

— Localizamos emanções energéticas! — gritou Atlan.

Lembrou-se da grade energética que poderia ser erigida numa questão de segundos

em torno da área de dez quilômetros quadrados.

— Emanções energéticas normais, sir. Não constatamos a presença de campos

defensivos.

Atlan e Rhodan entreolharam-se ligeiramente. Estavam pensando na mesma coisa.

Quem estaria em condições de levantar a grade? Seria a hiperimpotrônica ou o centro de

plasma?

Quando se encontrava a três mil metros de altura, a X-1 dispôs-se a pousar. Será que

a nave iria esbarrar na barreira energética?

O perigo logo ficou para trás. A nave esférica correu velozmente em direção às

abóbadas de plasma.

John Marshall telepatou:

— *Chefe, mantenho um contato excelente com a biossubstância. No momento a*

*hiperimpotrônica está fora de ação.*

Atlan foi informado.

— As coisas não parecem boas — disse. — Até o próprio plasma não confia nesta

calma. Os jatos espaciais nos seguem, bárbaro?

A tela de visão global da X-I não mostrava o menor sinal dos jatos. Esses veículos

eram comandados por Brazo Alkher. Perry Rhodan não poderia encontrar um elemento

melhor para a tarefa.

Gritou uma ordem por cima do ombro:

— Indague por que os jatos espaciais não nos seguem. Há muita pressa.

No mesmo instante, Brazo Alkher chamou pelo rádio.

— Chefe, nós lhe demos cobertura pelos flancos. De repente notamos um fogo de

radiações muito fraco, vindo da superfície. No momento estamos atrapalhando os pos-bis

hostis à vida biológica, a fim de aliviar os robôs amigos. Aguarde notícias sobre o curso

da operação. Fim da mensagem.

A X-I pousou com as colunas telescópicas de apoio escamoteadas.

As rampas desceram e as comportas foram abertas. A atmosfera do Mundo dos

Duzentos Sóis era respirável pelo homem, mas a elevada temperatura média fazia com

que a permanência no planeta não fosse nada agradável.

Os comandos especializados saíram da nave conforme previa o plano. Quando os

primeiros homens saíram pela rampa em seus blindados pesados, os jatos espaciais

voltaram a aparecer. Pararam pouco acima das gigantescas abóbadas para proporcionar a

necessária cobertura. Os blindados voadores, consagrados em tantas operações e

conhecidos como os versáteis, saíram do corpo da nave. Além de voar, eram capazes de

atravessar rios. Mal tocaram o solo, os tripulantes entraram nos veículos, que

desapareceram entre as abóbadas.

Os mutantes esperaram pelo chefe e por Atlan. Quando os dois se aproximaram pelo

convés C, Marshall informou que naquele momento estava havendo uma forte oscilação

43

na intensidade do engaste, motivo por que o bloco mental dos telepatas pouco podia fazer

para ajudar o centro de plasma.

— Isso quer dizer que, dentro de alguns minutos, o cérebro hiperimpotônico poderá

assumir novamente o comando por aqui, John?

— Infelizmente temos de contar com isso, chefe.

Quando Rhodan e seus homens chegaram até a eclusa e lançaram os olhos para fora,

viram por toda parte os sinais de lutas encarniçadas. Rhodan admirou-se de que as

abóbadas de plástico que conseguia ver continuavam intactas.

Um jato espacial realizou um arriscado vôo entre duas abóbadas e aproximou-se da

X-I. Assim que pousou, Brazo Alkher saltou, subiu correndo a rampa e parou à frente de

Rhodan, um tanto esbaforido.

— Chefe, parece que por aqui as coisas não estão boas. Em toda parte há lutas entre

robôs amigos e inimigos da vida biológica. Somos atacados com a mesma fúria que os

seres mecânicos comandados pelo centro de plasma. Há alguns minutos uma frota de oito

naves fragmentárias decolou do continente que fica em frente, com destino ao setor em

que nos encontramos. Um jato espacial foi atingido por um disparo e colocado fora de

ação. A tripulação só conseguiu salvar-se por uma questão de sorte...

Na direção da qual viera a X-I, ouviu-se o trovejar surdo de naves dos pos-bis que

decolavam. A X-I chamou pelo sistema de intercomunicação:

— Sir, as cinco naves cúbicas que nos trouxeram acabam de decolar e afastam-se à

velocidade máxima em direção ao outro continente.

Não havia a menor dúvida de que as cinco espaçonaves pretendiam enfrentar o

grupo de naves hostis à vida biológica que se aproximava.

Brazo Alkher lançou um olhar indagador para o chefe, quando John Marshall disse:

— Acabamos de captar um impulso bem nítido do centro de plasma. Ao que parece,

a hiperimpotônica cortou temporária ou parcialmente o suprimento de oxigênio.

Perry logo compreendeu o que significava isso. O fato explicava a oscilação na

intensidade do engaste. Mas será que correspondia integralmente à realidade, ou haveria

outros fatores que interferiam na luta entre o plasma e o centro de computação?



Lembrou-se do ponto central do centro de plasma. Era um recinto em forma de

gasômetro, com telhado achatado, em cujo interior ele e Atlan se haviam comunicado

com a bio substância por ocasião da permanência forçada no planeta.

O ruído surdo dos jatos das cinco naves cúbicas que acabavam de decolar cessou.

Veza por outra, um jato espacial passava no alto, a fim de proteger o cruzador da classe

Cidade. As pesadas plataformas blindadas e de defesa já haviam sido colocadas em ação.

Os alto-falantes instalados na eclusa mal conseguiram transmitir toda a força do

grito que soou na sala de comando:

— Chefe, as oito naves pos-bis deverão chegar dentro de alguns segundos!

Constatamos fortes emanações energéticas vindas de sua rota de aproximação!

Provavelmente provêm de fontes de energia atômica!...

O resto da mensagem foi abafado por um barulho infernal.

De repente a grade energética cobriu as oitenta abóbadas. Os raios que a formavam

uniram-se a mil metros de altura. Mas, à frente dessa grade, a terra parecia ter-se aberto.

Rhodan e Atlan sabiam da existência das torres de canhões subterrâneas, equipadas com

pesadíssimas instalações de raios conversores.

Não havia dúvida de que a ativação da grade energética era controlada pelo centro

de plasma. Porém não se sabia quem ordenara a saída das torres de canhões.

44

Quatro jatos espaciais, que voavam a grande altura sobre a área de dez quilômetros

quadrados em que se encontravam as abóbadas, observaram a ativação da grade

energética e a saída das gigantescas torres de canhões, e imediatamente avisaram a X-I.

A sala de comando transmitiu a ligação para o sistema de intercomunicação de

bordo. Em todos os cantos da nave, os alto-falantes transmitiram a palestra com o volume

máximo.

— Temos de afastar-nos. Três torres de canhões estão atirando contra nós.

Seguiremos na direção sul-sudoeste. Desviamo-nos de oito naves fragmentárias. Santo

Deus! Todo o semicírculo leste das torres de canhões está disparando contra essas caixas.

Sir, o lado leste ainda está sob o controle do centro de plasma. Ficaremos na altitude de

novecentos metros, onde poderemos prosseguir nas observações.

Rhodan sorriu ao ouvir que os quatro jatos espaciais haviam descido tanto. Nessa

altura as torres de canhões, comandadas pelo cérebro hiperimpotrônico, não poderiam

atingi-los, pois o ângulo de tiro era muito fechado.

Três naves cúbicas passaram em disparada, a mais de quinze mil metros de altura. O

ar era sacudido ininterruptamente pelos raios que se cortavam e pelas espaçonaves que

corriam velozmente. Era como se alguns milhares de jatos espaciais rompessem a

barreira do som.

Um sol ofuscante surgiu ao oeste. Depois de algum tempo ouviram o ruído da

explosão.

Era menos uma nave fragmentária controlada pela hiperimpotrônica.

Rhodan notou o rosto preocupado de Marshall. Estabeleceu contato telepático com o

mesmo. Com todo esse barulho tornava-se impossível comunicar-se pela palavra falada.

Marshall respondeu:

— Chefe, não compreendo o súbito desempenho energético do centro de plasma,

pois o mesmo não guarda a menor relação com os impulsos débeis que tem irradiado.

— Será que vocês reforçaram o bloco mental, John?

O chefe dos mutantes sacudiu a cabeça. Voltou a utilizar suas forças paranormais, a

fim de ouvir as irradiações mentais das massas de plasma. Depois voltou a entrar em

contato com Perry.

— Chefe, o tremendo desempenho energético do plasma foi como o bruxulear final

de uma chama. A hiperimpotrônica está reduzindo cada vez mais o suprimento de

oxigênio. Se não a fizermos voar pelos ares, o plasma morrerá.

— John, o senhor está louco!

A sugestão de fazer voar o cérebro pelos ares fizera com que Perry perdesse o auto-

controle por um instante. Se destruíssem a hiperimpotrônica, estariam removendo a

barreira que os pos-bis representavam para os laurins.  
No momento em que o cérebro

deixasse de existir, cessaria a ânsia robótica de  
destruição, que até então obrigara os robôs

a precipitar-se contra qualquer laurin que surgisse à sua  
frente e combatê-lo até a

destruição total.

Rhodan sentiu que teria de agir muito depressa, pois, do  
contrário, perderia para

sempre a chance de tentar conservar o centro de  
plasma.

Já haviam passado, de forma diferente, por uma  
experiência igual à que tinham pela

frente, ao lidarem com o computador-regente de Árcon  
III. Mas, em comparação com a

hiperimpotrônica, o gigantesco cérebro positrônico do  
Grande Império era um

mecanismo inofensivo.

45

Rhodan arrastou o arcônida pela eclusa e levou-o a um  
lugar do convés em que

podiam conversar normalmente.

Atlan estava nervoso.

— Perry, está na hora de os cientistas e técnicos mostrarem o que sabem fazer. Pelos

deuses do Universo, nem me atrevo a pensar no que acontecerá se o plasma perecer por

falta de oxigênio...

Rhodan já se encontrava no ponto de intercomunicação mais próximo.

— Moders! — gritou para dentro do microfone.

— Pois não, chefe.

Rhodan informou o robólogo em palavras ligeiras e precisas. Antes que concluísse,

Moders interrompeu-o.

— Entendido, chefe! Mas o senhor ou o “*mister imperador*” terão de mostrar-nos o

caminho.

Atlan sorriu. Aquelas palavras pareciam diverti-lo. Nunca ninguém o chamara de

“*mister imperador*”. Só mesmo um terrano poderia atrever-se a isso.

— Moders, Atlan e eu acompanharemos seu grupo quando descer para onde estão as

instalações hiperimpotrônicas. Não pense que será um passeio...

— Não se preocupe, sir. Sempre estaremos atentos, pois no Mundo dos Duzentos

Sóis há perigo por todos os lados. Final. Estamos saindo em direção à eclusa principal.

Os passos de muitos homens soaram atrás de Rhodan e Atlan. Era Moders e seu

grupo que saíam do elevador antigravitacional. Os teleportadores estavam com eles. Ao

que parecia, o robólogo não se esquecera de nada. Mas, de repente, Rhodan estremeceu...

O professor Gaston Durand estava ao lado de Moders. E os dois conversavam como

se nada tivesse acontecido.

— Parabéns, Moders! — disse Rhodan. Atlan, que não entendera as palavras

cochichadas, perguntou a Rhodan o porquê desse elogio.

— Nada — limitou-se Rhodan a responder. — Apenas estava pensando em voz alta.

\* \* \*

Não havia nenhuma muralha energética que protegesse a entrada das instalações

subterrâneas da hiperimpotrônica. Provavelmente os construtores de tempos passados

havam instalado após a conclusão da obra uma barreira mortal que, segundo parecia, só

agia contra os invisíveis.

O grupo de Moders passou pela entrada principal sem que ninguém o impedisse.

Quatro blindados pesados flanqueavam os homens de ambos os lados. Todos sabiam que

acabavam de penetrar no reino da potência hostil à vida biológica, e que deviam estar

preparados para um confronto com os robôs que obedeciam à hiperimpotrônica.

Apesar da blindagem pesada, os veículos rolavam num silêncio surpreendente. De

repente, o primeiro veículo abriu fogo com o desintegrador instalado numa cúpula móvel.

Uma quina bastante saliente que ficava cem metros à frente do grupo desapareceu, pondo

à vista os contornos fantasmagóricos de um grupo de pos-bis. Oito ou nove robôs nem

tiveram tempo de atirar. Desmancharam-se.

Os alto-falantes do segundo blindado transmitiram uma ordem.

— Recuem imediatamente!

Os veículos que iam nos flancos do grupo adiantaram-se, pararam e formaram uma

barreira que se estendia de parede a parede. No mesmo instante, os canhões de radiações



começaram a cuspir fogo. Mais uma vez o alvo ficava bem ao fundo do largo corredor.

46

Ao que parecia, só os homens sentados atrás do dispositivo ótico das armas instaladas nos

blindados o haviam identificado. Rhodan, Atlan e Moders com seu grupo numeroso

correram apressadamente para o ar livre.

Atrás deles ouviu-se o ruído surdo de uma explosão. Três ou quatro ligeiros abalos

sacudiram o chão. De repente os blindados também saíram em alta velocidade.

— Recuem mais! — gritou a voz saída de um alto-falante.

O grupo reuniu-se atrás da abóbada de plasma mais próxima. Rhodan mandou que

os oficiais dos blindados comparecessem à sua presença. Relataram os acontecimentos.

Todos haviam feito as mesmas observações em seus instrumentos. Num lugar junto à

parede, situado bem ao fundo do corredor, havia uma forte emanção energética prestes a

irromper. Os homens haviam disparado todas as armas contra esse lugar e provocaram

uma forte explosão, que fez desmoronar um trecho do corredor.

Rhodan compreendeu que a execução do plano de penetrar na hiperimpotrônica teria

de ser adiada até o momento em que o cérebro se submetesse totalmente ao centro de plasma.

Moders dividiu seu grupo. Um dos componentes era Gaston Durand. O novo destino

do pelotão era o centro de plasma, instalado na construção de telhado achatado que tinha

a forma de um gasômetro e media quarenta metros de diâmetro.

Deslocando-se a pouco menos de um metro acima do chão feito de chapas de aço,

que se juntavam sem o menor sinal de emenda, o grupo planou em seus trajes voadores

entre as abóbadas de plasma de duzentos metros de altura, em direção ao centro. Cada um

dos homens segurava um desintegrador pesado. Todos contavam com alguma iniciativa

dos robôs hostis à vida biológica.

O gasômetro surgiu entre duas abóbadas. Rhodan e Atlan conheciam parte de suas

instalações, especialmente a chamada "*sala de tradução*".

Na cobertura plana havia uma antena, cuja construção apresentava sinais

inequívocos dos seres de Mecânica. Em cima de cada uma das bolhas metálicas havia

outra. Era claro que cada parcela do plasma podia comunicar-se com qualquer outra

porção de bio substância, e que os raciocínios desenvolvidos em conjunto eram

transmitidos ao centro.

Seis jatos espaciais que quase não podiam ser vistos, mas em compensação eram

nitidamente ouvidos, sobrevoaram a área a grande altitude.

Dois técnicos do grupo de Moders lançaram olhares pensativos para a confusão de

tubulações retorcidas e para as instalações, que, segundo sabiam, se destinavam à

transmissão de energia.

Marshall fez um sinal para Rhodan. Quatro telepatas se aproximaram do edifício

principal. Marshall se separou desse grupo e se aproximou do chefe.

Não chegou a dizer uma palavra.

Um jato espacial desceu vertiginosamente bem em cima das abóbadas, com os

propulsores trabalhando à potência máxima.

— Está caindo! — gritou alguém.

Um raio ofuscante saiu de uma abertura que havia no aparelho.

O jato espacial teria de abandonar imediatamente o mergulho, pois, do contrário, se

despedaçaria de encontro ao solo.

Mas o aparelho continuava a descer ininterruptamente. Até mesmo Rhodan prendeu

a respiração. Homens, que não se assustavam com pouca coisa, abaixaram-se quando o

47

jato espacial passou para a horizontal no último instante, desceu até poucos metros acima

de uma das bolhas metálicas e voltou a subir loucamente.

— O que foi isso? — indagou alguém.

A resposta consistia numa tremenda explosão. Parecia que o Mundo dos Duzentos

Sóis se sacudia. Houve outra explosão. Alguém atirou os braços para o alto. Será que o

homem estava gritando?

Em meio à barulheira infernal não se entendia uma palavra. Mas, de repente, todos

compreenderam o que significava o sinal.

— Abriguem-se! — ordenou Rhodan.

No mesmo instante, tudo parecia estourar, crepitar, trovejar em torno deles. Grandes

pedaços de metal bateram contra as bolhas metálicas e contra a estrutura sólida do

edifício central. Chapas de metal retorcidas e esfaceladas voavam para todos os lados,

soltando faíscas. Nenhum dos homens pertencentes ao grupo de Moders acreditava que

pudesse escapar com vida. Mas, de repente, tudo parou, como se aquilo fosse apenas obra

de fantasmas.

O mini comunicador de Rhodan emitiu um sinal. O receptor de pulso captou uma

mensagem de Brazo Alkher. Rhodan atirou o capacete espacial na nuca e ouviu a voz de

Alkher:

— Atenção! Atenção! Atenção para todos! Aviso de perigo. Entre as abóbadas de

plasma, o chão parece crivado de canhões de radiações subterrâneos. Dois dos nossos

grupos estavam sendo ameaçados por eles. Os canhões foram postos fora de ação. Alkher.

Final.

Quem realizara aquele vôo mortífero fora Brazo Alkher. Mergulhara com seu

aparelho e arriscara tudo numa jogada, a fim de salvar os companheiros da morte certa.

— Está na hora! — disse Rhodan, apressadamente. — Tschubai, leve-me com Atlan

para a “*sala de tradução*”. Marshall, mantenha contato comigo.

Dali a um segundo viram-se num ambiente que já conheciam muito bem. No mesmo

instante voltaram a ouvir a voz de que não se esqueceriam tão depressa.

Era o centro de plasma que estava falando. Um aparelho fez a tradução. O centro de

plasma estava pedindo oxigênio. Gritava desesperadamente por socorro. Preveniu os

homens para que não se aproximassem das entradas da hiperimpotrônica.

— *As energias mentais vindas de fora já não podem dar-me novas forças. O*

*verdadeiro interior implora o auxílio que merece.*

Rhodan usou sua faculdade telepática pouco pronunciada para informar John

Marshall sobre aquilo que acabara de ouvir. Dessa forma, os homens que estavam

esperando do lado de fora seriam imediatamente colocados a par.

Atlan formulou algumas perguntas.

O centro de plasma respondeu com a voz cada vez mais fraca. Teve dificuldades em

fornecer informações técnicas.

— Onde fica o controle central do suprimento de oxigênio?

O arcônida teve de repetir essa pergunta três vezes, falando com toda energia.

Finalmente veio a resposta. O controle ficava no edifício em que se encontravam!

No andar de baixo. Mas não adiantava ir para lá, pois a hiperimpotrônica o havia

desligado. Deixara de funcionar há algum tempo.

Para Rhodan, as informações que acabara de receber bastavam.

Transmitiu uma ordem telepática para John Marshall.

— Os teleportadores do grupo de Moders devem entrar em ação!

48

Depois disso olhou para Tschubai.

— Temos de chegar às instalações que fornecem o oxigênio.

O afro-terrano confirmou com um gesto. Rhodan colocou a mão sobre seu ombro.

No mesmo instante, Tschubai teleportou-se com o administrador.

Em torno deles reinava a escuridão. Rhodan ligou seu farol. Olhou para o lado e viu

que o afro-terrano havia desaparecido, a fim de trazer o grupo de Moders.

— Dizem que isto aqui é um equipamento para o fornecimento de oxigênio. Como é

que nos orientaremos por aqui? — perguntou Rhodan em tom de desespero e, por um

momento, fechou os olhos diante das formas grotescas que via à sua frente.

Rhodan foi verificando o recinto. Depois da sexta contagem teve certeza de que o

grupo que deveria trabalhar no posto de suprimento de oxigênio estava completo.

Marshall começou a falar:

— Chefe, Atlan está dando instruções. Acaba de receber outras informações do

centro de plasma.



A ligação telepática foi perfeita. Marshall transmitiu tudo o que Atlan soubera. Não

foi Moders quem encontrou aquilo que estavam procurando. De repente Gaston Durand

falou com a voz segura:

— Olhem! Esta é a linha de suprimento de energia. Isto aqui deve ser o gerador de

oxigênio.

Rhodan, que não demorara em recuperar-se da surpresa, observou Moders. O que

estava fazendo o robólogo? Esfregou as mãos e seu rosto exprimia fielmente os

pensamentos que diziam o seguinte: *“Bem, meu caro, daqui em diante você não me vai*

*atrapalhar mais. Está definitivamente do meu lado.”*

Claus Ebnet, que arranjava os primeiros cabelos brancos ao tentar solucionar o

enigma da arma conversora, estava parado diante do octaedro. Exclamou imediatamente:

— Thalatas, passe o cortador de isolamentos!

Tratava-se de um aparelho especial, criado depois que os terranos haviam travado

conhecimento com a tecnologia dos pos-bis.

Depois as ordens sucederam-se em seqüência ininterrupta:

— Medidor de impulsos!... Chave dos pos-bis!...

A seguir:

— Corte o terceiro fio hiperimpotrônico. Cuidado! É possível que haja seiva em seu

interior. Use a chave de três cantos. Que métodos de revestimento malucos! Conseguiu,

Thalatas?

Outros três técnicos haviam subido num aparelho que media quatro metros de altura

e apenas um metro de largura. Pelo que dizia Moders, era o bloco biopônico.

Mas Moders estava enganado. De repente, um raio energético saiu do aparelho,

felizmente do lado em que não havia ninguém.

Rhodan viu Ebnet pegar a ferramenta que o técnico designara pelo nome de cortador

de isolamentos. No mesmo instante compreendeu por que era chamada assim. Ebnet

cortou alguma coisa e, simultaneamente, isolou as duas superfícies.

O chiado do raio energético cessou.

Moders gritou “*obrigado*” para o técnico. Colocou dois homens no aparelho mais

próximo.

— Temos de encontrar o bloco biopônico, senão o centro de plasma morrerá

sufocado.

49

John Marshall estabeleceu contato via rádio com Atlan, que estava só na “*sala de*

*tradução*”.

— Sir, estamos à procura do bloco biopônico que regula o engaste. Faça o favor de

perguntar ao plasma onde pode ser encontrado.

— John, por aqui não há mais ninguém a quem eu possa formular uma pergunta. O

plasma está morrendo lenta mas seguramente.

Marshall nem teve tempo de informar Rhodan. Claus Ebnet soltou um grito, chamou

Moders e perguntou:

— Isto não é o maldito bloco biopônico?

Acabavam de encontrá-lo. O robólogo ajoelhou-se diante dos controles.

— Esse monstro hiperimpotrônico! Enviou tanta energia ao regulador que o fez

entrar em pane. Estou com vontade de fazer explodir isso...

— Para colocar os laurins em cima de nós? — gritou Rhodan.

O robólogo fez como se não tivesse ouvido.

— Olhe só, Ebnet; o senhor também, professor.

Gaston Durand aproximou-se correndo. Muito curioso, inclinou o corpo. Rhodan

achou que naquele momento aproximar-se de nada adiantaria. Marshall começou a

dirigir-se a ele. Mantinha contato telepático com outro grupo.

— Chefe, o grupo de Clerk conseguiu entrar numa bolha de metal. Os dois biólogos

do grupo estão desesperados. Interpretaram a turvação das massas de plasma como um

resultado da impermeabilização progressiva das paredes celulares. Se nos próximos trinta

minutos não acontecer um milagre, será o fim.

Brazo Alkher, que se encontrava no interior de seu jato espacial, circulando a cem

quilômetros de altura, estava pensando a mesma coisa quando viu o grupo de naves

fragmentárias que se aproximava rapidamente.

Observou mais uma coisa terrível. A grade energética que cercara o distrito do

plasma não existia mais. As gigantescas bolhas de metal estavam indefesas diante de

qualquer ataque.

Ligou o hiper-rádio na faixa de ondas do chefe. Expediu o chamado de alarma. E

transmitiu o resultado de suas observações.

— O que está fazendo o grupo de espaçonaves, Brazo? — perguntou Rhodan.

O grupo estava parado acima da área coberta pelas abóbadas. Os instrumentos de

teleobservação do jato espacial estavam orientados para lá. O rosto de Brazo Alkher

mudou de cor. Informou com a voz ligeiramente entrecortada:

— Chefe, essas caixas estão lançando robôs aos milhares. Estão inundando toda a

área das abóbadas com os mesmos. Aposto que...

Rhodan interrompeu-o.

— Não precisamos apostar, Brazo. Penso exatamente como você. São robôs hostis à

vida biológica, que obedecem exclusivamente às ordens do cérebro hiperimpotrônico.

— O que será feito do senhor e dos outros homens que se encontram aí embaixo,

chefe?

Brazo Alkher esperou pela resposta. Quando notou que o chefe havia desligado

sacudiu a cabeça, perplexo.

Naquele momento o chefe informou seus homens sobre os acontecimentos que se

desenrolavam na superfície. Moders e Ebnet foram os únicos que não prestaram atenção

às suas palavras.

50

— Ebnet, precisamos de energia — disse Moders. — Mas não da quantidade que

podemos retirar daqui. Se dependesse da hiperimpotrônica, já teria havido um curto-

circuito e encontraríamos uma porção de metal liquefeito por aqui. Com o suprimento de

oxigênio ainda funcionando, isso teria dado uma fogueira fantástica. Ora, um momento!

Por que não houve um incêndio por aqui? O cérebro não é tolo a ponto de cometer um

erro de lógica. Ebnet... professor Durand... Vamos logo!  
Precisamos raciocinar segundo a

Robologia. Ouviram?

Gaston Durand ouvira. Esforçou-se para atender ao  
pedido de Moders. Acontece que

não era Moders, e seu raciocínio era muito menos ágil  
que o do jovem robólogo.

— Descobri! — rejubilou-se Moders, em meio ao silêncio.

— Confie, mas veja

antes em quem! Não é mesmo, professor Ebnet?

Vejamos a lógica dos robôs:

desconfiança de lado a lado... Aqui era o plasma contra o  
cérebro... Vamos inverter as

coisas. Aqui embaixo deve haver mais um controle. Uma  
espécie de controle do outro

controle. O centro de plasma não foi mais capaz de  
acioná-lo, porque ficou muito

debilitado em virtude do conflito com o cérebro.

Entendido?

— Chefe — cochichou Marshall, ao ouvido de Rhodan. —  
Não entendi nada.

— Tomara que tudo dê certo! — disse Rhodan a título de  
resposta.

Todos aqueles que entendiam alguma coisa da tecnologia  
dos pos-bis foram

mandados à procura de um segundo controle.

Até mesmo o professor Durand estava convencido de que tal controle existia.

— Como teve essa idéia, Moders? — perguntou, enquanto tentavam juntos remover

o revestimento de um mecanismo para poder examiná-lo.

— Não sei, professor. Foi apenas uma idéia. Quando apareceu, comecei a trabalhar

com ela... isso tem de existir.

Ele mesmo encontrou. Parado à sua frente, sacudiu a cabeça. Enquanto o observava,

Rhodan lembrou-se dos milhares de robôs hostis à vida biológica que se encontravam na

área das bolhas de metal. Se eles conseguissem penetrar na X-I, estaria na hora de os

homens que se encontravam ali fazerem seus testamentos.

— Moders! — gritou para o robólogo.

O cientista nem sequer virou a cabeça.

— Pois não!

— Lá em cima há milhares de robôs enfurecidos. Foram soltos para expulsar-nos da



área. É bom que vez por outra se lembre disso. Não dispomos de muito tempo.

Moders confirmou com um aceno de cabeça. Será que realmente ouvira as palavras

de Rhodan e compreendera seu sentido?

— Ebnet — disse, dirigindo-se ao técnico e mostrando-lhe alguma coisa. — O que é

isto?

Claus Ebnet também não sabia. Mas, dentro em breve, os dois veriam o objeto

muitas vezes e travariam conhecimento com o mesmo.

— Isto é mais complicado que um engaste hipertóxico, Ebnet! Será que devemos

tentar passar por cima disso? O que acha?

— Na pior das hipóteses iremos pelos ares. Na verdade, isso não representa um

risco muito grande, pois lá em cima alguns milhares de robôs hostis à vida biológica nos

esperam.

— Onde estão esses robôs? — perguntou Moders, em tom de perplexidade.

— Lá em cima — respondeu Ebnet, apontando para o teto.

Moders não interpretou corretamente as suas palavras.

51

— No andar de cima?

— Não. Na superfície.

— Hum...

O robólogo voltou a examinar a técnica dos comandos dos pos-bis. Logo se

esqueceu dos robôs. Lançou os olhos para a direita. A trinta metros do lugar em que se

encontrava, outro grupo trabalhava num aparelho bizarro, do qual saíam dutos ou tubos

de trinta centímetros de diâmetro. À primeira vista não se podia dizer se eram condutores

de energia ou se transportavam líquidos ou gases.

Quando Moders se dirigiu ao grupo, Claus Ebnet fitou-o com uma expressão de

espanto. Dois dos seus colegas não conseguiam chegar a acordo sobre a finalidade do

aparelho. Moders não interveio na discussão. Muito curioso, examinou a série confusa de

comandos, os elementos hiperimpotrônicos e o círculo do engaste hipertóctico.

Moders voltou.

— Vamos arriscar, Ebnet — disse. — Não tenho certeza absoluta. Mas, quando

raciocínio segundo a lógica dos pos-bis, chego à conclusão de que isto só pode ser a

contra-segurança hipertóica. Parece que os seres em que as criaturas de Mecânica

confiavam menos eram neles mesmos. De acordo, Ebneth? Vamos experimentar?

Rhodan aproximou-se.

— Qual é a experiência que pretendem fazer?

Moders, que segurava o cortador de isolamento, virou a cabeça e, continuando

ajoelhado, fitou Perry.

— É apenas uma experiência, chefe — disse o robólogo, esquivando-se à pergunta

precisa. — A hiperimpotônica forneceu uma corrente intensa demais para paralisar o

suprimento de oxigênio. Foi o meio mais simples de pôr o centro de plasma fora de ação.

Mas, na minha opinião, por aqui deve haver um controle que torna impossível qualquer

intervenção hiperimpotônica e faz funcionar de novo o equipamento de oxigênio. Faço

votos de que estejamos diante da contra-segurança. Acontece que não sei o que é isto —

apontou para alguma coisa. — Prefiro que o circuito passe ao lado. É claro que isso

envolve um pequeno risco. Talvez voemos pelos ares juntamente com todo o edifício.

— O senhor acha que isso é um pequeno risco? O que vem a ser um grande risco?

Uma expressão galhofeira surgiu nos olhos de Moders.

— Se eu lhe desse o tratamento de você e o chamasse de Perry estaria correndo um

grande risco, chefe.

Rhodan compreendeu imediatamente o que o robólogo queria dizer. Na verdade não

acreditava numa explosão. A tensão desapareceu do rosto de Rhodan. Sorriu.

— Não se incomode comigo, Moders. Claus Ebnet, que se encontrava ao lado do

robólogo, atreveu-se a “*respirar*” de novo. Ao ouvir as palavras de Moders, transpirara de

medo.

— Segure! — disse o especialista, cujas mãos trabalhavam agilmente.

Seguiram-se dez minutos carregados de tensão. Ras Tschubai usou a teleportação

para tirar o arcônida da “*sala de tradução*”, onde corria perigo, e levou-o para o subsolo.

Chegou no momento em que Moders pediu um conjunto de micro conversores.

Seu grupo estava muito bem equipado, e a mesma coisa acontecia com os três mil

especialistas que se encontravam no Mundo dos Duzentos Sóis. Nenhuma operação

fracassaria por falta de peças.

— Já! — gritou Moders.

52

Ebnet liberou o suprimento energético. O professor Gaston Durand olhou por cima

de seu ombro.

De repente ouviu-se um estranho zumbir, chiar, farfalhar.

— Conseguimos! — disse Moders, em tom de alívio.

Levantou-se, enfiou o cortador de isolamento na mão da pessoa que se encontrava

mais próxima e enxugou o suor da testa.

O suprimento de oxigênio do centro de plasma estava funcionando de novo!

53

**5**

Os jatos espaciais e a X-I haviam sido alarmados por Brazo Alkher.

As naves fragmentárias faziam descer sobre as abóbadas milhares de pos-bis hostis

à vida biológica, que obedeciam ao comando do centro de computação e só tinham uma

tarefa: destruir os humanos.

— Alkher — chamou o Tenente Mengs pelo rádio de seu jato espacial. — Nunca

conseguiremos liquidar uma superioridade como esta. O ataque será um absurdo. Para

cada robô destruído surgirão dez outros.

Brazo Alkher não perdeu a calma. Naquele momento, seu jato espacial estava

voando entre as abóbadas para desfechar mais um ataque contra uma concentração de

pos-bis. O homem que estava sentado atrás da mira ótica não se apressou. Não

desperdiçou a energia radiante. Nunca errava o alvo.

Abriu fogo permanente contra os pos-bis que procuravam forçar a entrada na

abóbada de plasma.

O pavimento de aço cinzento e liso que se estendia à frente da abóbada começou a

derreter. O jato espacial aproximou-se à velocidade de mach 1. Apesar disso o raio

continuou a atingir o alvo.

Os robôs, que haviam localizado as vibrações individuais dos humanos, viraram-se

para o veículo que se aproximava como se estivessem obedecendo a um único comando.

Pretendiam destruí-lo com suas armas. Sua programação não conhecia o sentimento do

medo; apenas incluía a vontade robológica de destruição que se manifestava diante de

tudo que fosse biológico e irradiasse vibrações.

A última hora havia soado para todos os robôs que se encontravam à frente da

entrada da abóbada. O homem que estava sentado atrás do comando de tiro abriu bem o

feixe de radiações. O grupo de robôs foi atingido em leque, e mais de cinquenta pos-bis

foram destruídos em meio a um fogo energético vermelho-ofuscante.

Mas isso não significava muito diante dos milhares de robôs que enchiam todo o

espaço entre as oitenta abóbadas.

Alkher concentrou os jatos espaciais em torno de seus veículos. Ordens breves

foram transmitidas pelo rádio. A tarefa principal consistiria em proteger as equipes

científicas contra os robôs hostis à vida biológica. O resto ocupava um lugar secundário.

Seguiu-se uma ligeira palestra com o comando de três mil homens.

Os blindados equipados com pesados canhões de radiação provaram que valiam seu

preço. Cada homem tinha um desintegrador pesado com um tremendo desempenho

energético. Por enquanto, o grande grupo ainda não havia sofrido perdas, mas os homens

tiveram grandes dificuldades em defender-se da invasão dos robôs.

Os jatos espaciais descreviam curvas entre as bolhas metálicas. Pareciam um bando

de marimbondos enfurecidos. Os pilotos transformaram-se em verdadeiros acrobatas. A

pontaria dos homens dos comandos de tiro era excelente. Os raios fulminantes atingiam

constantemente o alvo, mas o exército de robôs não diminuía.

Ouviram-se pedidos de socorro vindos da superfície. Três jatos espaciais entraram

em mergulho vertical e, numa questão de segundos, trouxeram alívio às tropas que

combatiam no solo.



O maior perigo eram os robôs que voavam de um lado para outro; adaptaram-se

rapidamente à tática dos terranos e procuravam destruí-los à traição.

Os homens não tinham forças para atirar em todas as direções e além disso observar

o espaço aéreo acima de suas cabeças. Se continuavam vivos, deviam agradecer isso ao

treinamento rigoroso a que haviam sido submetidos em Árcon III. Em inúmeras

manobras haviam enfrentado situações semelhantes à em que se encontravam. E os

treinadores sempre insistiam num ponto: a melhor defesa contra os robôs é não ter medo

deles.

Uns trinta homens separados de sua unidade defendiam-se, de costas para uma bolha

metálica, contra mais de cem robôs. Um terço do grupo encontrava-se no ar. O sargento

Plisters pediu socorro pelo rádio, mas no momento nenhum jato espacial podia intervir

naquela luta. Todos eles estavam participando de ações que eram mais importantes que a

salvação de trinta homens. Os blindados também não podiam ajudar. O primeiro terrano

tombou diante do sargento; fora mortalmente atingido por um raio disparado pelos pos-

bis.

Vinte e nove homens juraram que manteriam sua posição até o último lance. Sua

pontaria tornou-se mais precisa.

O alcance de seus desintegradores era maior que o das armas de radiação dos robôs.

E essa era a maior vantagem dos seres humanos.

Seis homens procuraram romper o cerco do lado direito. Saíram correndo em seus

pesados trajes de combate. Abriram uma brecha entre os positrônico-biológicos. Quatro

pos-bis explodiram bem em cima de suas cabeças. Os raios de suas armas fizeram um

giro de quarenta graus para a esquerda, em direção à parte superior da abóbada.

O trecho que se estendia à frente do grupo estava livre.

No mesmo instante viram-se obrigados a recuar. O rádio de capacete transmitiu o

alarma. Mais um numeroso grupo de pos-bis aproximou-se.

Seria o fim de vinte e nove homens.

Um blindado aproximou-se em alta velocidade.

Um pequeno sol surgiu na altura do terço superior da bolha metálica. De repente os

aparelhos de alerta de seus trajes indicaram uma dose elevada de radiações. A atmosfera

que cercava a abóbada estava altamente contaminada de pesadas radiações. Mas o grupo

de robôs desaparecera.

Protegidos pelo blindado, os homens voltaram a estabelecer contato com o grupo ao

qual pertenciam...

\* \* \*

O grupo de Clerk, que havia penetrado em uma das abóbadas de plasma e no

momento se encontrava nos túneis cuja disposição não parecia fazer o menor sentido,

entrou em contato com Rhodan. Marshall ligou o pequeno rádio portátil. No momento em

que o robólogo Clerk se dispunha a apresentar seu relato, Marshall captou impulsos

telepáticos muito intensos. Apressou-se em regular o volume para zero.

— Chefe, estou captando novamente, por intermédio dos nossos telepatas, impulsos

mentais claros do centro de plasma...

Moders também ouviu e interrompeu Marshall:

— Isso não é de admirar, pois o suprimento de oxigênio está funcionando de novo.

Podemos sair tranqüilamente desta cova horrível. Por aqui não podemos fazer mais nada.

55

Marshall voltou a ligar seu rádio para a recepção. O robólogo Clerk estava

apresentando seu relatório:

— Pelo que dizem os biólogos, a turvação do plasma está desaparecendo em toda

linha. Os cientistas atribuem a mudança ao reinício do suprimento de oxigênio. O que

devemos fazer? Alguns jatos espaciais recomendam constantemente que não saíamos da

bolha metálica...

Moders interrompeu-o com uma observação:

— É pena que Clerk não acompanhou a operação em Frago. Se tivesse estado lá,

saberia o que fazer.

Rhodan confirmou com um gesto. Marshall falou pelo rádio com o robólogo Clerk.

— Continue na abóbada. Observe o plasma; preste atenção especialmente às suas

reações diante do oxigênio. Aguarde novas ordens. Final.

Rhodan esteve a ponto de dirigir-se aos teleportadores, quando Marshall o pegou

pelo braço, muito nervoso.

— Chefe, a recuperação do centro de plasma progride cada vez mais. Tenta

estabelecer contato conosco em base paranormal...

— Procure explicar-lhe que, antes de mais nada, deve procurar dominar o

hiperimpotrônico, para que a confusão infernal que os robôs estão criando lá fora chegue

ao fim.

Nesse momento, Van Moders colocou-se a seu lado.

Rhodan perguntou com um sorriso:

— Então, seu “*pavor ideológico*”, tem uma teoria nova?

O robólogo fez como se não tivesse ouvido o apelido.

— Chefe, o senhor sabe quem provocou esta confusão no Mundo dos Duzentos

Sóis? — perguntou em tom sério.

— Ora essa! O robólogo sou eu ou o senhor? — retrucou Rhodan.

— O senhor devia saber, sir. Afinal, durante a última visita a este planeta, o senhor e

Atlan puseram fora de ação a programação do ódio. Isso deve ter dado origem a uma

série de fenômenos que não constava das intenções dos construtores.

Rhodan parecia aborrecido.

— Moders, o senhor está indo longe demais com suas hipóteses. Se tivesse a

experiência que eu adquiri durante meus contatos com o computador-regente de Árcon

III, teria mais cuidado no que diz.

Moders não se deixou intimidar.

— Sir, não o culpo de nada, mas ninguém me tira da cabeça que a paralisação da

programação do ódio desencadeou alguma coisa que não estava incluída nos planos dos

seres de Mecânica. Mais dia menos dia provarei que estou com a razão.

— Moders, só falta o senhor dizer que Atlan e eu demos causa à falta dos campos

relativistas das naves fragmentárias. Isso é ridículo. Mas já está na hora de nos deixarmos

teleportar para a “*sala de tradução*”.

A decisão não admitia objeção.

Entretanto não conseguiram sair da grande sala em que ficava o equipamento de

suprimento de oxigênio do centro de plasma...

Marshall dirigiu-se ao chefe.

— O centro de plasma afirma que obrigou a hiperimpotrônica a paralisar todos os

robôs hostis à vida biológica.

O mini comunicador de Rhodan emitiu o sinal de chamada. Era Brazo Alkher.

56

— Chefe, os robôs sofreram um colapso. Nem um único pos-bi faz o menor

movimento. Fomos salvos no último instante. Os jatos espaciais continuam a realizar

vôos de reconhecimento em cima das abóbadas. Final.

Os telepatas voltaram a formar um bloco mental, para irradiar suas potentes

paraforças em direção ao centro de plasma. Enquanto os dois teleportadores levavam

todo o grupo para a “*sala de tradução*”, os telepatas permaneceram na sala de máquinas.

Marshall, que era o mais forte dos telepatas, uniu-se ao bloco e ajudou no contato

psicológico. As oscilações de intensidade do engaste, que eram tão perigosas para os

terranos, deviam ser removidas o quanto antes.

Através dos impulsos captados, Marshall deduziu que o centro de plasma, no

momento senhor da situação, precisava de apoio, para não se subjugado pela

hiperimpotrônica, que nesse caso voltaria a comandar os robôs do Mundo dos Duzentos

Sóis.

57

**6**

Era a primeira vez desde sua chegada ao planeta situado no espaço extragaláctico

que os terranos podiam dedicar-se tranqüilamente à tarefa de ajudar o plasma a elevar

seus impulsos à potência máxima. O conjunto técnico que produzia paravibrações

artificiais foi montado e posto a funcionar, depois de controlado seu funcionamento.

No Mundo dos Duzentos Sóis não havia dia nem noite. Os homens trabalhavam em



turnos, inclusive os tripulantes dos jatos espaciais. Nos três continentes continuavam a

reinar condições caóticas entre os robôs. Parte deles era amigável à vida biológica e outra

parte hostil. Sempre que se encontravam travavam batalhas encarniçadas. Para eles não

parecia existir nem o centro de plasma, nem a hiperimpotrônica. Os tripulantes dos jatos

espaciais nem pensaram em manter a imparcialidade. Sempre que podiam colocavam-se

do lado dos robôs amigos da vida biológica e procuravam pôr fora de ação o maior

número possível de robôs do outro tipo. Todas as naves fragmentárias voltaram a

obedecer às oitenta abóbadas, isto porque em cada uma das naves havia quantidades

relativamente elevadas de bio substância, que, depois do primeiro contato com o centro

de plasma, submeteram a hiperimpotrônica de bordo à sua vontade.

Mas nem mesmo o elemento mais otimista entre os terranos acreditava na

estabilidade da situação atual. Os grupos, cuja tarefa consistia em garantir a segurança

dos técnicos e cientistas, não chegaram a tirar os trajes de combate.

Rhodan e Atlan haviam ficado de pé ininterruptamente durante trinta horas. Mal se

deitaram, Rhodan foi incomodado por John Marshall.

— Chefe, um willy nos chama por via telepática. Pede que o senhor o receba.

Rhodan, que tinha uma lembrança agradável dos simpáticos willys, ficou totalmente

desperto.

— Onde está o willy, John?

O chefe dos mutantes hesitou.

— Não sei dizer. Nem mesmo Fellmer Lloyd conseguiu dizer onde está o ser-

esteira. O fato é que seus paraimpulsos estão chegando com uma intensidade muito

elevada.

— Está bem, John. Entre em contato com ele. Daqui a quinze minutos estarei pronto

para recebê-lo. Antes disso preciso tomar um chuveiro. Nós nos metemos numa boa

quando criamos a Terceira Potência, não é mesmo, John?

Perry Rhodan raramente falava em Terceira Potência. Vez por outra conversava com

Reginald Bell a esse respeito. Era a primeira vez que falava sobre o assunto com John

Marshall.

O chefe dos mutantes sorriu.

— O senhor fez bons progressos...

— Eu? — disse Rhodan, enquanto vestia o robe. — Fomos nós. Todos nós, que

naqueles tempos acreditávamos que seríamos capazes de conquistar as estrelas. O senhor

ainda acredita que alcançaremos este objetivo?

O telepata alto e esbelto acenou com a cabeça.

— Chefe, nós conseguiremos, a não ser que um dia o poder suba às nossas cabeças.

58

— Obrigado — disse Rhodan. — Foi a ducha psicológica de que precisava, John.

Com suas experiências com o equipamento de oxigênio, Moders consumiu mais das

minhas forças que muitas batalhas espaciais que já dávamos por perdidas. E o robólogo

ainda piorou as coisas ao afirmar que Atlan e eu havíamos criado as condições instáveis

reinerantes no Mundo dos Duzentos Sóis, quando pusemos fora de ação a programação do

ódio. O que acha disso, John?

— Não acho nada, chefe. Absolutamente nada. Quando se encontrava na sala do

equipamento de oxigênio, Moders começou a salientar-se demais...

— E se tiver razão, John?

— O senhor acredita...?

— Não, mas tenho meus receios. Não sei se Atlan e eu não provocamos por

negligência a situação reinante no Mundo dos Duzentos Sóis.

Marshall resistiu à idéia por uma questão de sentimento.

— Como é que o robólogo pode saber disso, chefe?

— Acredito que ele mesmo não saiba. Bem, até daqui a quinze minutos. Gostaria

que o senhor e Atlan estivessem presentes durante a palestra com Willy.

Rhodan retirou-se. Marshall acordou Atlan, que mal havia adormecido.

— Está bem, Marshall. Irei. Bem que este Willy poderia ter chamado daqui a

algumas horas.

Ao entrar no camarote de Rhodan, que na pequena X-1 não tinha o mesmo tamanho

que na Teodorico, Atlan ouviu que naquele momento um willy estava passando pela

eclusa e se dirigia ao elevador antigravitacional.

Foi no planeta Sumath que Rhodan, Atlan e Fellmer Lloyd tiveram seu primeiro

encontro com um dos inteligentíssimos willys. O formato desses seres era

aproximadamente o de uma medusa. Era praticamente impossível distinguir um do outro.

Ninguém suporia que houvesse alguma inteligência neles, mas na verdade os willys eram

muito inteligentes e pacatos.

Os olhos proeminentes podiam ser esticados e encolhidos, tal qual os tentáculos,

com os quais faziam gestos que pareciam humanos.

Os willys eram medrosos, mas não covardes. Ao menor sinal de perigo executavam

movimentos de rotação sobre seus pés telescópicos e furavam o solo para esconder-se.

Quando descobriram que o willy, com o qual se haviam encontrado inesperadamente

em Sumath, era um forte telepata, Rhodan e Atlan não se espantaram nem um pouco.

Os willys lhes haviam prestado serviços inestimáveis durante a primeira estada no

Mundo dos Duzentos Sóis. Por isso os dois homens mais poderosos da distante Galáxia

sacrificaram o sono para receber um ser pertencente à raça dos willys.

A gigantesca esfera entrou velozmente no camarote. Mal se notavam os movimentos

dos pezinhos ágeis. O willy apontou os olhos salientes para os terranos e soltou o tradutor

juntamente com um desses olhos.

— Aí estão vocês, amigos — disse. — Dou-lhes as boas-vindas em nome de minha

raça. Mas não vim com as mãos vazias. Fui incumbido de proporcionar-lhes alojamentos

condignos, a fim de exprimir nossa gratidão pelo auxílio que proporcionaram ao plasma.

— Alojamentos? — perguntou Atlan, perplexo. O problema do alojamento de três

mil homens fora debatido pouco antes de irem para a cama.

— Fizeram espionagem telepática, almirante! Não é verdade, Willy?

Será que o ser estava rindo? A voz saída do tradutor parecia ter um tom ligeiramente

diferente quando disse que sim.

Falou também que estavam informados das dificuldades com que os homens se

defrontavam nesse planeta, e de que não sabiam como deveriam agir com a

hiperimpotrônica para fazer com que esta se transformasse para todo o sempre em servo

do centro de plasma.

Os três homens ouviram com um interesse cada vez maior a exposição do enviado

de uma raça que provavelmente vinha da nebulosa de Andrômeda, tal qual os laurins.

Além de oferecer-lhes bons alojamentos, o willy ressaltou que serviam de posições

de defesa, nas quais seria mais fácil rechaçar qualquer ataque dos robôs hostis à vida

biológica.

Rhodan formulou uma pergunta sobre a hiperimpotrônica, mas o willy pediu sua

compreensão, porque não sabia dizer praticamente nada a respeito da mesma.

Marshall tentou sondar o ser esférico por via telepática, para verificar se estava

dizendo a verdade, mas suas forças para-mentais não conseguiram penetrar no mesmo.

Rhodan repetiu a pergunta em tom mais enérgico. A reação do Willy foi tão discreta

como da primeira vez.

— Será que terei de usar a arma de radiações, Willy? — perguntou Atlan, em tom

contrariado.

No mesmo instante o ser esférico encolheu todos os olhos e o tradutor. Parecia

choramingar. Marshall conseguiu atingir seus pensamentos.

O Willy dissera a verdade. Servira de “irmã de leite” durante os transportes de

plasma para outros mundos dos pos-bis, mas nunca tivera contato direto com os controles

hiperimpotrônicos dos seres de Mecânica.

O chefe dos mutantes apressou-se em informar Rhodan e Atlan.

— Volte a falar conosco, Willy! — pediu Rhodan.

Willy foi soltando um olho após o outro, e por fim o órgão com o tradutor.

— *Rhodan, o que vem a ser aquilo que vocês chamam de mentira?*

Os homens sentiram-se perplexos. Será que os Willys não sabiam o que era mentira?



— Isso é uma vida muito perigosa — disse Atlan sem querer.

Rhodan sorriu e fitou-o prolongadamente.

— Meu caro, os deuses de Árcon também não permitem que se diga uma inverdade.

Acho...

O intercomunicador chamou em tom áspero. O alto-falante emitiu um estalido. Até

parecia que um dos contatos não fora bem-feito. O oficial de plantão no hiper-rádio disse,

nervoso:

— Sir, a hiperimpotrônica quer falar com o senhor.

Os três homens sobressaltaram-se. O que seria?

— Passe a ligação para cá — ordenou Rhodan depois de ligeira reflexão.

O willy dirigiu todos os olhos sobre Rhodan. Manteve-se calmo.

A voz da gigantesca hiperimpotrônica saiu do alto-falante. Lembrava a voz fria e

desalmada do computador-regente positrônico de Árcon III.

Enquanto a hiperimpotrônica falava ininterruptamente, Rhodan escreveu alguma

coisa e empurrou o papel para o arcônida. O conteúdo era este:

A oscilação de intensidade do engaste hipertóctico chegou ao fim. Parece que o

cérebro está agindo segundo a orientação do centro de plasma.

Não havia motivo para ficarem felizes. Há poucas horas os telepatas e os robólogos

havam informado Rhodan e Atlan de que o plasma levaria muito tempo para recuperar a

antiga capacidade. Era possível que, de um momento para outro, o engaste hipertóctico

60

apresentasse oscilações ainda mais fortes. Dessa forma, a influência do centro de plasma

sobre o cérebro seria praticamente igual a zero e a hiperimpotrônica voltaria a trabalhar

segundo a programação que lhe fora dada há tempos imemoriais pelos seres do planeta

Mecânica.

Rhodan, o arcônida e Marshall ergueram abruptamente a cabeça. Era a primeira vez

que a hiperimpotrônica confessava ter entrado em contato com eles por recomendação do

centro de plasma.

Rhodan tentou uma suposição.

— Se é assim, o centro de plasma também deverá ter recomendado que a

hiperimpotrônica nos franqueie a entrada em suas instalações.

A resposta foi imediata:

— A hiperimpotrônica não tem motivo para recear qualquer perigo. Está armada

para qualquer eventualidade. Não há necessidade de uma permissão especial.

Era um pronunciamento bastante claro.

Rhodan olhou para o lugar em que o alto-falante e o microfone estavam instalados,

atrás da parede.

— Levaremos abundantes recursos, a fim de estabilizar a hipertóctica também na

parte hiperimpotrônica.

O cérebro recusou.

— A oscilação de intensidade do engaste voltou a manifestar-se — disse Atlan, em

tom contrariado.

Em sua opinião a força dos impulsos do centro de plasma estava diminuindo

bastante. Mas Rhodan não era da mesma opinião. Não se conformou com a recusa que o

cérebro acabara de manifestar.

Usou os invisíveis... E lembrou o cérebro de que sua tarefa fundamental consistia

em fazer tudo para afastar o perigo dos laurins.

— Nós, os terranos da grande ilha estelar, somos amigos do centro de plasma

porque pertencemos à verdadeira vida e a amamos. Mas não amamos os laurins. Se você

continua a existir, isso acontece unicamente porque entre você e o centro de plasma existe

uma ligação. Essa ligação, conhecida como engaste hipertóictico, fez com que ambos

reconhecessem o perigo representado pelos invisíveis. Acontece que, no momento, o

hipertóictico se encontra numa condição de instabilidade. Recorra à sua interpretação

lógica e verifique se não estou com a razão.

O cérebro manteve-se em silêncio. Naquele momento, milhões de circuitos estavam

sendo criados, ativados e desligados, uma vez fornecidos os resultados. A

hiperimpotrônica estava calculando a afirmativa de Rhodan.

— Não posso dar resposta afirmativa às suas palavras. Mantenho a recusa. Final.

O gigantesco cérebro desligou seu transmissor.

— E agora? — perguntou Atlan. — Tenho a impressão de que voltei aos tempos em

que o Império de Árcon era governado pelo computador-regente, que muitas vezes

tentava governar-nos também.

Rhodan abanou levemente a cabeça.

— Não sei se podemos comparar os dois cérebros. Aliás, isso não importa muito. O

que quero saber é por que a hiperimpotrônica não respondeu sim à minha afirmativa...

— Talvez descubramos, se entrarmos em contato com o centro de plasma. Talvez

consigamos fazer com que a biossubstância leve o cérebro a permitir nosso ingresso em

suas instalações.

61

Rhodan não gostou da idéia.

— Não quero sobrecarregar ainda mais o plasma. Willy. .  
— o ser-esteira

estremeceu e encolheu todos os braços. — Willy, sua raça conhece os caminhos que

levam aos comandos subterrâneos?

— Naturalmente — disse o willy através do tradutor. — E por lá nunca nos

aconteceu nenhum mal. Mas vocês não ouviram o que acaba de ser dito? A proibição

continua de pé. Se quiserem entrar lá, nunca mais verão o sol.

— Você estaria disposto a conduzir-nos para as profundezas, Willy?

O ser começou a inquietar-se.

— Por que arriscar uma coisa que poderá custar-lhes a vida? Prefiro aconselhar-me

com meus amigos antes de recusar. Quem me acompanhará, para que possa mostrar-lhes

os alojamentos?

Rhodan não insistiu com o willy. Não conhecia bem essa raça muito inteligente e

que possuía dons telepáticos, motivo por que preferiu não teimar. Levantou-se.

— Marshall e eu iremos com você, willy — disse. Depois dirigiu-se a Atlan. — Pelo

menos um de nós tem de estar descansado se houver novos conflitos. É sua vez de dormir

um pouco.

O arcônida sorriu.

— Pois não, administrador. Você nem imagina quanto prazer tenho em aceitar o seu pedido — bocejou gostosamente.

\* \* \*

Luigi Telarini passou a mão pelo queixo, o que era sinal de descontentamento ou preocupação.

O Major Hal Mentor, comandante da Gauss, já observara o técnico de rádio há

algum tempo. Levantou-se, esgueirou-se entre a confusão dos aparelhos ali montados e aproximou-se.

Além deles, só o piloto se encontrava na sala de comando.

— O que é que o incomoda, Telarini?

— Não consigo livrar-me de uma sensação desagradável. Major, o senhor acredita

que a gente pode ver fantasmas?

A pergunta foi formulada em tom sério, e assim ninguém seria capaz de rir da

mesma.

— O que foi que o senhor viu, Telarini?

— Nada! — disse com um gesto de indiferença. — Mas tenho de olhar

constantemente para a tela panorâmica, como se a qualquer momento tivesse de surgir

uma coisa perigosa. E a ânsia que me obriga a levantar os olhos quase chega a sufocar-

me. Sei que é uma tolice, mas não posso fazer nada.

A Gauss continuava a manter-se à distância de um ano-luz do Mundo dos Duzentos

Sóis. Três laboratórios da nave controlavam ininterruptamente a nave esférica e sua

posição relativa face à Galáxia distante. O hipertransmissor superpotente trabalhava sem

interrupção. Os instrumentos de controle faziam manter-se constante a intensidade com

que o raio vetor saía das antenas. Todas as estações de rastreamento de rádio, postadas

nos limites da Via Láctea, já haviam captado o raio enfeixado transmitido pelo hiper-

rádio. E as mesmas haviam calculado a distância entre a Galáxia e o Mundo dos

Duzentos Sóis, com base nos volumes energéticos com que eram recebidas as respectivas

ondas. O valor aproximado em anos-luz foi convertido em cifras exatas. No momento as



equipes científicas, que se encontravam nos satélites de rastreamento, estavam realizando

cálculos trabalhosos para determinar a gigantesca distância com a precisão de um minuto-

luz.

Os tripulantes e os especialistas a bordo da Gauss praticamente não tinham nada a

fazer.

Depois de estarem certos de que o raio expedido pelo hiper-rádio da nave fora

captado pela frota estacionada nas proximidades de Frago, e também pela Sosata, que se

encontrava nas profundezas do espaço intergaláctico, e pelos satélites de rastreamento, o

resto era apenas um trabalho de rotina.

Só Luigi Telarini não sossegava. Por algum tempo prestara atenção às mensagens

alarmantes transmitidas pelo rádio, que lhe forneciam um quadro vivo dos

acontecimentos turbulentos que se desenrolavam no Mundo dos Duzentos Sóis. Depois

disso sentira-se dominado pela estranha sensação inquietante de que falara a Hal Mentor.

— Será que suas preocupações não se relacionam com as medições que estamos

realizando, Telarini? Quem sabe se não está desconfiando de que todos os postos podem

ter cometido um erro na interpretação dos dados relativos à distância? Quem sabe qual é

o comportamento das ondas de hipercomunicações a uma distância enorme como esta?

Luigi Telarini deixou que o major concluísse. Depois respondeu.

Não eram as medições que o preocupavam. As três mil naves do destacamento

especial comandado por Reginald Bell encontrariam o Mundo dos Duzentos Sóis, cuja

distância já era conhecida.

— Mas estamos cometendo um erro. Procuo convencer-me do contrário, mas não

adianta... Diga-me que erro é este... Trata-se de um erro cometido por nós, pela Gauss ou

pelo chefe com os homens que se encontram no Mundo dos Duzentos Sóis.

— O senhor está esgotado, Telarini. Peça ao médico de bordo que lhe dê um

calmante. O senhor...

Calou-se. Ouvira um ruído às suas costas e virou-se abruptamente. Luigi Telarini

estava a seu lado.

Ambos viram ao mesmo tempo.

Já sabiam qual era o erro que haviam cometido...

\* \* \*

Brazo Alkher pousou o jato espacial a dez metros de Perry Rhodan, John Marshall e

do willy. No mesmo instante, o mini comunicador de Rhodan deu um sinal. Era Alkher.

— Chefe, venha para bordo. Tenho de levá-lo de volta. Recebemos um chamado da

hiperimpotrônica, que localizou inúmeros objetos estranhos que se aproximam do Mundo

dos Duzentos Sóis. Foi Atlan que me mandou.

A rampa do jato espacial foi descida e a comporta abriu-se. Os dois homens

despediram-se apressadamente do willy. Provavelmente este havia lido os pensamentos

de todos e já sabia por que seus dois companheiros correram rampa acima.

A comporta fechou-se atrás deles. Brazo Alkher fez subir seu jato espacial. As

bolhas metálicas mais próximas ficavam a apenas cinco quilômetros.

Passou velozmente a oitocentos metros por cima delas. Do outro lado da abóbada a

X-I estava apoiada em suas colunas telescópicas. Alkher realizou um pouso impecável.

Rhodan e Marshall não tiveram de percorrer uma distância muito grande para atingir a

rampa da espaçonave de cem metros de diâmetro. Enquanto subiam pelo elevador

antigravitacional, entreolharam-se em silêncio, muito preocupados.

63

Na sala de comando encontraram-se com Atlan, que estava falando com a Gauss.

Ouviram a palestra. O Major Hal Mentor transmitiu uma mensagem:

— Verificamos uma série ininterrupta de abalos estruturais, com o intervalo de um

minuto. A maior distância é de quatro dias-luz, e a menor de um dia-luz. Não

conseguimos determinar a quantidade dos objetos estranhos. Nosso sistema de

rastreamento estrutural mal consegue registrar o número dos abalos.

— Obrigado, major — disse Atlan para dentro do microfone. — O chefe acaba de

chegar. Acho que quer falar com o senhor.

Rhodan sentou-se ao lado do arcônida.

— Mentor, conseguiu identificar as naves estranhas?

— Sir, ao que tudo indica são espaçonaves dos laurins. A interpretação dos dados

ainda está em curso.

— Envie um hipergrama a Reginald Bell. Diga-lhe que venha o mais rapidamente

possível com sua frota.

— Perfeitamente, sir. Deve vir o mais rapidamente possível — repetiu o Major

Mentor. Seu rosto projetado na tela de imagem parecia uma máscara.

A frota que se mantinha em posição de espera só poderia ser alcançada com o

potente transmissor da Gauss.

Ouviram o major transmitir a ordem à sala de rádio. Depois dispôs-se a falar, mas

calou-se.

Rhodan percebeu.

— O que pretendia dizer, major? Mentor hesitou, mas acabou dizendo:

— Sir, mister Telarini é de opinião que nosso raio de hipercomunicação atraiu os

invisíveis para o Mundo dos Duzentos Sóis. Não consigo convencê-lo do contrário.

— Nem tente, major — recomendou Rhodan. — Sou da mesma opinião de Telarini.

Mas gostaria de saber por que ninguém pensou nisso — desligou.

Ao lado dele, Atlan acenou com a cabeça.

— É isso aí! Agora só nos resta uma esperança: que o gorducho apareça com a

frota...

— Não entretenha uma esperança muito grande, almirante. Ninguém sabe dizer

quando Bell chegará... mas é provável que chegue tarde!

\* \* \*

\* \*

\*

*O Salto no Intercosmo foi bem-sucedido. O comando chegou ao Mundo dos Duzentos Sóis, mas os homens encontraram-se em situação*

*desesperadora, pois vêm-se diante de um perigo que não podem enfrentar com as armas de que dispõem...*

*Em **A Batalha dos Duzentos Sóis**, a frota comandada por Bell é ansiosamente esperada!*